



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Bauru



**Docência para
Educação Básica**
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA

SAMIRA EL ADASS

**A TEMÁTICA GÊNERO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DO
ESPORTE A PARTIR DA CONSTRUÇÃO E PROPOSIÇÃO DE UM JORNAL
ESTUDANTIL**

BAURU
2024

SAMIRA EL ADASS

A TEMÁTICA GÊNERO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DO ESPORTE
A PARTIR DA CONSTRUÇÃO E PROPOSIÇÃO DE UM JORNAL ESTUDANTIL

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre à Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Faculdade de Ciências, Campus de Bauru – Programa de Pós-graduação em Docência para a Educação Básica, sob orientação do Prof. Dr. Dagmar Ap. Cynthia F. Hunger.

BAURU
2024

A221t Adass, Samira El
A temática gênero no processo de ensino-aprendizagem do esporte
a partir da construção e proposição de um jornal estudantil / Samira El
Adass. -- Bauru, 2024
81 f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Faculdade de Ciências, Bauru
Orientadora: Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger

1. Gênero. 2. Educação Física. 3. Educação básica. 4. Jornal. 5.
Proposta pedagógica. I. Título.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE SAMIRA EL ADASS, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 06 dias do mês de setembro do ano de 2024, às 09:00 horas, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de SAMIRA EL ADASS, intitulada "**A TEMÁTICA GÊNERO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DO ESPORTE A PARTIR DA CONSTRUÇÃO E PROPOSIÇÃO DE UM JORNAL ESTUDANTIL" e produto educacional" JORNAL: UMA PROPOSIÇÃO PARA O ENSINO DA TEMÁTICA GÊNERO**". A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Profa. Dra. DAGMAR APARECIDA CYNTHIA FRANÇA HUNGER (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) Departamento de Educação Física / Faculdade de Ciências Unesp Campus Bauru, PROFESSOR DOUTOR SERGIO ROBERTO SILVEIRA (Participação Virtual) do(a) Pedagogia do Movimento do Corpo Humano / Universidade de São Paulo, Profa. Dra. LILIAN APARECIDA FERREIRA (Participação Virtual) do(a) Departamento de Educação Física / UNESP Faculdade de Ciências de Bauru SP. Após a exposição pela mestrande e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: APROVADA. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Profa. Dra. DAGMAR APARECIDA CYNTHIA FRANÇA HUNGER



Dedico este trabalho aos/às meus/minhas estudantes por toda a contribuição e aprendizados que compartilhamos, que valorizem a Educação Física exigindo aprender tudo que ela pode oferecer.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família por me apoiarem em mais essa etapa da minha formação, em especial ao meu namorado Renan que vivenciou minhas alegrias, tristezas e desafios estando ao meu lado e dando todo o apoio necessário.

Agradeço à UNESP/Bauru, que por meio de uma educação pública e gratuita me proporcionou ampliar meus conhecimentos sobre a docência. Aos meus colegas de mestrado da turma 2022 - 2024 pelo apoio durante essa etapa.

Agradeço à banca examinadora, Lilian Ferreira e Sérgio Silveira por lerem meu trabalho, me apoiarem com sugestões e orientações extremamente relevantes para o desenvolvimento dessa pesquisa. Em especial agradeço à minha orientadora Dagmar, que aceitou esse desafio da pós-graduação comigo.

Agradeço também a professora Karina, foi quem me apresentou os estudos de gênero, me auxiliando mesmo que indiretamente em toda minha trajetória acadêmica.

Por fim, agradeço às pessoas que participaram diretamente da pesquisa, os/as estudantes dos 8º e 9º anos que participaram do estudo. Sou grata também à professora Taís que me ajudou na Eletiva do jornal e a todos/as meus amigos que me auxiliaram de alguma forma com muito apoio, incentivo e carinho nas horas que precisei.

RESUMO

O tratamento da temática gênero nas aulas de Educação Física na escola possibilitam a desnaturalização dos estereótipos, preconceitos e condutas normativas para os gêneros. Em nosso estudo permeamos essa perspectiva atrelada ao ensino do esporte. O esporte dependendo da maneira que é abordado pode ser uma prática geradora de desigualdade, para evitar isso é necessário a problematização de fatores históricos, sociais e culturais dessas desigualdades de gênero, propiciando aos/as educandos/as o entendimento do esporte como um espaço que todo/as devam estar inseridos independente do seu gênero. Considerando isso, este estudo teve como objetivo analisar a temática gênero no processo de ensino-aprendizagem do esporte a partir da construção e proposição de um jornal estudantil junto às turmas de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental. A abordagem da pesquisa foi de natureza qualitativa e balizando-se por uma pesquisa-intervenção, realizada nas aulas de Eletiva com a participação de 37 estudantes do 8º e 9º anos do Ensino Fundamental Anos Finais. A professora de Educação Física da disciplina Eletiva foi simultaneamente a pesquisadora do estudo, sendo denominada por professora-pesquisadora. A proposição pedagógica do jornal escolar foi realizada em 12 aulas e os instrumentos de coletas utilizados foram os Diários de aula. A análise dos Diários de aula foram compilados pela Análise do Conteúdo Categorical, proposto por Bardin(2004). Os resultados evidenciaram três categorias analíticas: 1. Normalização dos papéis sociais e de gênero; 2. Preconceito e discriminação de gênero e 3. Valorização do protagonismo feminino. O entendimento da temática gênero e esporte se deu no decorrer das atividades propostas, pois por meio das discussões suscitadas os/as estudantes foram avançando no conhecimento da temática gênero. O jornal escolar sobre a temática gênero e esporte contou com a produção dos gêneros jornalísticos elencando o protagonismo feminino nos cadernos de cotidiano, cultura, economia, esporte e opinião. Sendo assim, avançamos na contribuição para o ensino do esporte e que tratar de gênero é uma das inúmeras maneiras de lutar para a mudança no quadro de violência, preconceitos e estigmatização.

Palavras-chave: Gênero. Educação Física. Educação Básica. Jornal. Proposta pedagógica.

ABSTRACT

Addressing the issue of gender in Physical Education classes at school makes it possible to denaturalize stereotypes, prejudices and normative conduct for the genders. In our study, this perspective is linked to the teaching of sport. Depending on the way it is approached, sport can be a practice that generates inequality. To avoid this, it is necessary to problematize the historical, social and cultural factors of these gender inequalities, enabling students to understand sport as a space that everyone should be part of, regardless of their gender. The aim of this study was to analyze the theme of gender in the teaching-learning process of sport, based on the construction and proposal of a student newspaper for 8th and 9th grade classes. The research approach was qualitative in nature and was based on a research-intervention carried out in elective classes with the participation of 37 students from the 8th and 9th years of elementary school. The Physical Education teacher of the elective subject was also the researcher in the study and is referred to as the teacher-researcher. The pedagogical proposal of the school newspaper was carried out in 12 lessons and the collection instruments used were the lesson diaries. The analysis of the class diaries was compiled using the Categorical Content Analysis proposed by Bardin (2004). The results revealed three analytical categories: 1) Normalization of social and gender roles; 2) Gender prejudice and discrimination; and 3) Valuing female protagonism. The understanding of the theme of gender and sport came about while the proposed activities, because through the discussions raised, the students progressed in their knowledge of the theme of gender. The school newspaper about gender and sport included the production of journalistic genres featuring female protagonism in the daily life, culture, economy, sport and opinion sections. As a result, we have made progress in contributing to the teaching of sport and that dealing with gender is one of the countless ways of fighting to change the situation of violence, prejudice and stigmatization.

Keywords: Gender. Physical Education. Basic Education. Newspaper. Pedagogical proposal.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -Lousa com os termos.....	39
Figura 2 -Linha da violência	40
Figura 3 Discussões sobre o machismo na sociedade.....	42
Figura 4 –Relato da estudante.....	45
Figura 5 -Apresentação do grupo cotidiano.....	47
Figura 6 -Apresentação do grupo cultura.....	48
Figura 7 -Apresentação grupo economia.....	49
Figura 8 Apresentação do grupo esporte.....	50
Figura 9 -Apresentação grupo do caderno opinião.....	51
Figura 10 - Aula de Crossfit	53
Figura 11 -Conversa com as professoras do Crossfit.....	54
Figura 12 Notícia do caderno cotidiano.....	55
Figura 13 Notícia do caderno cultura.....	55
Figura 14 -Notícia sobre a cantina escolar.....	56
Figura 15 Notícia sobre a organização do dinheiro da escola.....	56
Figura 16 Notícia 1 da visita ao Crossfit.....	57
Figura 17 Notícia 2 da visita ao box de Crossfit.....	57
Figura 18 Artigo de opinião sobre as meninas no esporte.....	57

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -Brainstorming da temática.....	31
Quadro 2 -Contato inicial com o jornal impresso e estudos dos cadernos.....	32
Quadro 3 - Produção inicial: elaboração de roteiros.....	33
Quadro 4 -Coleta de dados.....	33
Quadro 5 -Edição do jornal e revisão dos cadernos.....	34
Quadro 6 - Finalização e apresentação do jornal.....	36
Quadro 7- Categorias da Análise do Conteúdo	37

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1 - A TEMÁTICA GÊNERO NA EDUCAÇÃO.....	14
1.1 Concepções da temática gênero	14
1.2 Estudos de gênero e a relação com a Educação	17
CAPÍTULO 2 - GÊNERO E ESPORTE NO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA.....	19
2.1 Estudos de gênero e a relação com a Educação Física.....	19
2.2 As propostas de ensino utilizadas para desenvolver a temática gênero nas aulas de Educação Física.....	21
2.3 Temática gênero na relação com o esporte.....	24
CAPÍTULO 3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	27
3.1 Ação da pesquisa	28
3.1.1 Proposta pedagógica jornal.....	29
3.1.2 Planos de aula.....	30
3.1.3 Coleta de dados.....	36
3.2 Análise dos dados.....	36
CAPÍTULO 4 - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	38
4.1 Normalização dos papéis sociais de gênero e sexualidade.....	39
4.2 Preconceito e Discriminação de gênero.....	44
4.3 Valorização do protagonismo feminino.....	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS.....	63
APÊNDICES.....	74
APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ao Responsável pelo aluno.....	74
APÊNDICE B - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – aluno.....	77
ANEXO 1- CARTA DE APROVAÇÃO DO PROJETO PELO COMITÊ DE ÉTICA.....	80

INTRODUÇÃO

Em 2017, durante o Estágio Obrigatório Curricular do curso de Licenciatura em Educação Física, que cursei em Londrina, ao ministrar aula para a Educação Infantil percebi que durante uma atividade sobre as habilidades motoras em que estudantes usavam os escorregadores da escola, um azul e outra rosa, se organizavam em meninas no rosa e meninos no azul, sem serem orientados para essa organização.

Ao serem questionados sobre essa atitude, responderam que azul era cor de menino e rosa cor de menina, não podendo os meninos irem no rosa nem as meninas no azul. Frente a essa situação expliquei para eles que cor não tem gênero, todos podem e devem usar todas as cores que preferirem.

Essa situação me causou um incômodo, pois mesmo após essa explicação os/as estudantes repetiam essa atitude nos intervalos. Outra situação ocorreu durante a etapa do estágio no Fundamental Anos Iniciais.

Em uma aula com o 5º Ano, ouvi repetidamente os meninos se chamando de ‘viado’ como uma forma de ofender o outro, então na aula subsequente coleí na lousa uma imagem do animal veado e perguntei se eles estavam se chamando daquele animal, pois ouvi esse termo na aula anterior. As respostas foram que não era daquilo, era de homem que gostava de homem, a partir dessas falas iniciamos uma discussão sobre gênero e sexualidade.

Essas situações me fizeram refletir sobre a necessidade de abordar a temática gênero de outra forma em minhas aulas, pois entendi que só uma explicação não seria suficiente para consolidar a desnaturalização das condutas socialmente construídas para os gêneros.

Ainda na graduação pude me atentar que as discussões de gêneros não eram pautadas no decorrer do curso de Educação Física Licenciatura, apenas por uma professora, então sob orientação dela me dediquei a pesquisar, estudar essa temática na formação inicial juntamente com a Iniciação Científica e posteriormente na Especialização.

A minha trajetória como docente no Ensino Fundamental – Anos Finais e no Ensino Médio da rede pública, me mostrou que os temas gênero e sexualidade fazem parte do dia-a-dia da sala de aula. Estão presentes nos discursos, músicas, apelidos, corpos, sonhos, relacionamentos, etc.

Eu como professora faço parte desse cotidiano escolar, em que sou cobrada, principalmente pelas meninas, sobre casar e ter filhos. Nas aulas de Educação Física as meninas resistem em vivenciar práticas corporais pois dizem que não sabem ou sentem medo de serem ofendidas pelos meninos, dividem os esportes em esportes de meninos e meninas. Ou seja, a

demanda sobre gênero é diária na escola e na Educação Física, por isso entendo que as práticas pedagógicas devam ser objetivadas para a desconstrução de ações enraizadas e naturalizadas na sociedade ou de manutenção dessas crenças que privilegiam apenas alguns grupos.

Diante a esses acontecimentos do cotidiano escolar, busquei ampliar meus conhecimentos acerca de gênero e Educação Física, ingressando no Mestrado Profissional: PPGDEB – Programa de Pós-Graduação em Docência para Educação Básica (UNESP – Bauru/SP). Para essa nova etapa de estudos explorei o ensino-aprendizagem de gênero.

Essas experiências ilustram a origem dos anseios da pesquisa que fundamentam nosso trabalho, elas colaboraram para explicar minha trajetória que evidencia a preocupação com a temática gênero ao longo do tempo.

Para que as discussões sobre a temática gênero sejam abordadas de uma maneira em que problematizem as relações de poder em que privilegiam apenas determinados grupos, devemos repensar a função social da escola.

A escola é uma instituição social responsável por informar, ensinar, produzir conhecimentos capazes de permear ações e pensamentos dos sujeitos. Louro (1997), sinaliza que é indispensável que reconheçamos que a escola não apenas reproduz as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria as produz.

Nesse sentido, entende-se que as relações de gênero não são ‘naturais’, são construídas por meio das relações sociais, Louro (2003) afirma que as construções sociais, culturais, políticas e históricas são atravessadas por relações de poder e não é algo dado e natural.

Para Louro (2017, p.56): “Se aceitarmos que o gênero não é natural, mas sim construído, estamos dando um passo para desfazer a conexão estreita entre sexo e gênero, e podemos começar a pensar que não há uma relação única e necessária entre o corpo de alguém e seu gênero”.

Nesse sentido, a escola tem um papel fundamental na desmistificação das naturalizações de gênero, além de ser um espaço destinado ao convívio com as diferenças, produzindo atitudes e pensamentos que visam a equidade de direitos.

Portanto, a escola é uma instituição social responsável por manter, modificar, produzir, explicar, ensinar, diversos conhecimentos, dentre eles os relacionados à cidadania. Deste modo, fica notório a importância do tratamento do conteúdo gênero inclusive e de sobremaneira nas aulas de Educação Física.

A Educação Física é uma das áreas de saber e um componente curricular presente na escolarização básica e tem como objetivo o ensino das práticas corporais. Cabe ressaltar que, dependendo da maneira com a qual os temas gênero, corpo e sexualidade são abordados, estas práticas são potenciais geradoras de desigualdades de gênero, desconsiderando as diferenças e

o processo educativo para o respeito à diversidade.

Entendemos que “os corpos carregam discursos como parte de seu próprio sangue” (Butler, 2003, p.163). Os discursos generificam os corpos, ou seja, “os corpos fazem-se femininos e masculinos na cultura, e essas representações, apesar de serem sempre transitórias, marcam nossa pele, nossos gestos, nossos músculos, nossa sensibilidade e nossa movimentação” (Goellner, 2010, p. 25). Portanto, cabe à Educação Física desconstruir os estereótipos de gênero e as violências produzidas nas práticas corporais desenvolvidas na escola e reconstruir ou melhor, construir outros conhecimentos sobre as práticas corporais relacionados ao gênero.

Nas aulas de Educação Física, no ensino regular, as demandas relacionadas ao gênero são recorrentes, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Tais demandas tendem a ser ‘naturalizadas’ como condutas e papéis sociais reforçados pelas representações da sociedade. Nesse sentido, cabe ao professor problematizar essas situações, criando discussões que apresentem a ‘desnaturalização’ desde as cores generificadas, as práticas corporais repletas de marcadores sociais direcionadas aos meninos e às meninas no cotidiano do ensino da Educação Física.

A problematização sobre gênero requer conhecimento sobre a temática, ressaltando a importância de considerá-lo um saber científico, distanciando de opiniões empíricas e de senso comum. Outro elemento relevante corresponde ao olhar para o gênero como uma temática transversal, ou seja, que atravessa os vários conteúdos da Educação Física a serem ensinados.

Buscamos com este trabalho de pesquisa, contribuir com o ensino da Educação Física na Educação Básica, norteando os professores em suas intervenções (ensino-aprendizagem), contemplando gênero em suas aulas. Para isso, apresentamos uma proposta de ensino do esporte e gênero por meio da estratégia pedagógica jornal escolar.

Adotamos a estratégia pedagógica jornal escolar por priorizar o estudante como o protagonista do processo, possibilitando o contato com diversos tipos de produções do conhecimento, como a forma escrita e a oralidade. Oliveira (2022) ressalta que o jornal possibilita que alunos explorem a capacidade de expressão de seus pontos de vista, bem como o entendimento das dimensões comunitárias, aproximando o aluno de uma linguagem cotidiana e dinâmica, sem desconsiderar os padrões da escrita.

A produção do jornal na escola como uma estratégia educacional possibilita ao professor ações eficazes para a aprendizagem, pois segundo De Almeida (2015), ele auxilia na criação de estratégias de interação com o mundo, sendo uma forma de informação e aprendizagem, propiciando o desenvolvimento de uma leitura crítica, reflexiva sobre as

informações/conteúdos disciplinares.

Para o Produto Educacional¹, desenvolvido junto à pesquisa, elaboramos uma sequência pedagógica que subsidia as estratégias utilizadas para a produção do jornal escolar sobre gênero e esporte, a fim de contemplar essa temática nas aulas de Educação Física, evidenciando a importância dessa abordagem no cenário educacional, além de contribuir com para o enriquecimento das propostas educacionais da Educação Física escolar.

Diante ao exposto, elencamos como problema da pesquisa: Qual o diferencial didático e consequente aprendizagem das questões de gênero ao se produzir um jornal estudantil atrelado ao ensino do esporte escolar?

Para responder esse questionamento apresentamos como objetivo dessa pesquisa analisar a temática gênero no processo de ensino-aprendizagem do esporte a partir da construção e proposição de um jornal estudantil junto às turmas de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental.

A organização desse texto está delimitada por capítulos. No primeiro capítulo “A TEMÁTICA GÊNERO NA EDUCAÇÃO” apresenta a fundamentação teórica dos estudos de gênero, estando dividida em subtópicos que tratam das concepções da temática gênero e da relação dos estudos de gênero com a Educação. O segundo capítulo “GÊNERO E ESPORTE NO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA” trata da temática gênero na Educação Física e no ensino da mesma, apresenta também a relação de gênero com o esporte. O terceiro capítulo “PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS” apresenta a abordagem da pesquisa, as técnicas de coleta, a análise adotada para alcançar o objetivo da pesquisa. O quarto capítulo “APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS”, foi dividido em três subtópicos de análises: “Normalização dos papéis sociais e de gênero” em que apresentam as discussões sobre esse tema suscitadas durante a pesquisa; “Preconceito e discriminação de gênero” sendo analisada no processo de ensino da Educação Física e sua relação com as discussões de gênero; “Valorização do protagonismo feminino” que analisa gênero no âmbito do esporte. As considerações finais encerram as análises, reflexões e desdobramentos desta pesquisa

¹ O produto educacional é um material que deverá ser desenvolvido, aplicado e avaliado com vistas a construir soluções para as demandas decorrentes na área de ensino e as dificuldades encontradas no contexto da sala de aula da educação básica.

CAPÍTULO 1

A TEMÁTICA GÊNERO NA EDUCAÇÃO

1.1 Concepções da temática gênero

Os estudos de gênero e todos os temas que a esse conceito estão relacionados são muito importantes para o conhecimento e a conscientização da desnaturalização de argumentos e ações comumente aceitos que legitimam atos de violências a grupos em vulnerabilidades sociais.²

Nas últimas décadas, a configuração dos papéis de gênero modificou-se, desconstruindo a naturalização dos papéis sociais pré determinados biologicamente, em que o âmbito público seria função dos homens e o privado das mulheres. Perrot (2007) salienta que a inserção feminina fora do ambiente de casa permitiu a busca de novas inspirações, de empregos mais voltados à função intelectual, deixando de ser a vida no campo privado (doméstico) a ocupação feminina mais comum.

Ao mapear as produções acadêmicas da última década sobre gênero, como nos estudos de Da Silva (2021), De Jesus (2022), De Carvalho (2022), Formiga (2023), entre outros, foi possível constatar que as discussões voltadas aos estudos de gênero reforçam o teor conceitual relacional dessa categoria e abordam as interseccionalidades imbricadas a este tema. Jesus (2022), explica que gênero é uma categoria relacional, que não diz respeito apenas às mulheres, traz que a raça é um dos determinantes sociais que são discutidos ao tratar de interseccionalidade.

A conceituação da categoria gênero teve (têm) contribuições da agenda feminista, haja vista que utilizaram este termo como uma forma de identificar os sujeitos desprendendo-os da binaridade (homem e mulher) e do determinismo biológico. Assim, estudos como os de Machado (2013); Colling e Tedeschi (2019); Gomes (2018) apontam que ao usar o termo gênero destaca-se o caráter social, cultural e construído do gênero, com o intuito de problematizar o papel da mulher na sociedade, os autores reforçam que é uma análise mais do que é “ser mulher”.

Do ponto de vista supracitado, Gomes (2018) atribui os aspectos sociais, culturais, históricos, políticos atrelados à relação de poder para a imposição do que deve ser mulher. Neste sentido, tornar-se mulher implica o papel social esperado e naturalizado para as mulheres.

²Vulnerabilidade social deve ser entendida a partir da perspectiva de Cutter (2011), em que compreendem como parcialmente produto de injustiças sociais, haja vista que são os fatores sociais e as relações de poder que influenciam ou moldam a suscetibilidade de grupos de serem prejudicados e afetam a capacidade de responder aos eventos da vida (Cutter, 2011)

Considerando que as relações de gênero estão presentes previamente ao nascimento, antes dos bebês nascerem eles/elas já são incluídos em prerrogativas de gênero conforme a sociedade em que vivem assim que o “sexo” é sabido ao longo da gestação. Connell (1987), afirma que as crianças pequenas têm a identidade de gênero imposta muito antes de serem capazes de compreender o sexo e de assumir uma identidade de gênero.

Nessa direção, Scott (1994) apresenta uma análise sobre gênero a partir da cultura e sociedade explicando que:

“Gênero é a organização social da diferença sexual percebida. O que não significa que gênero reflita ou implemente diferenças físicas fixas e naturais entre homens e mulheres, mas sim que gênero é o saber que estabelece significados para as diferenças corporais. Esses significados variam de acordo com as culturas, os grupos sociais e no tempo, já que nada no corpo determina univocamente como a divisão social será estabelecida. (Scott, 1994, p. 13).

Ou seja, desde a descoberta do sexo biológico da criança, as representações de homens e mulheres são decorrentes de rótulos que a sociedade constrói com o decorrer do processo histórico-cultural, sendo designados papéis sociais que cada um deve conter em uma sociedade, tendo que se engajar em uma função social dependendo do seu gênero.

Ao conceituar gênero está sendo considerado as relações de poder articuladas com as relações sócio-culturais, haja visto que essa consideração é fundamental para o esclarecimento deste conceito, desvinculando-o dos aspectos biologicistas.

Então, gênero é diferente de sexo e diferente de sexualidade, apesar de possuírem relações entre si. Ao falar em sexo, destaca-se os aspectos biológicos, reprodutores e hormonais, sendo macho, fêmea e intersexual. Gênero vai além do conceito de sexo. Gênero é uma categoria de análise permeada pelos aspectos histórico-sócio-culturais e concordamos com Gomes (2018), que ao usar essa categoria “implica que homem e mulher são conceitos social, corporal e historicamente inscritos tal qual gênero”.

Ao retomar a importância do movimento social feminista na construção da categoria gênero, evidenciamos que este movimento foi marcado por ondas. Zirbel (2021) afirma que nenhuma onda se formou de apenas uma única perspectiva ou por meio da ação de um único grupo, haja vista que vários grupos de mulheres tenham decidido lutar em conjunto para potencializar algum ponto presente em suas pautas.

A primeira onda que ocorreu no final do século XIX e início do século XX foi marcada pela reivindicação das mulheres aos seus direitos políticos e melhorias nas condições de trabalho como salário, redução da jornada e salubridade. Garcia (2011), afirma que devido a

atuação dos movimentos sufragistas na Inglaterra culminaram após greves, prisões e muita luta, a extensão das mulheres ao direito ao voto.

Na metade do XX, emergiu a segunda onda caracterizando-se pelo slogan “O pessoal é político” sendo entendido que aquilo que era privado passa a ser entendido como uma relação de poder entre os sexos.

Simone de Beauvoir em 1949 publicou o livro “O segundo sexo” que explicitou a inferioridade que as mulheres eram entendidas e sobre a dominação masculina. Millet (1971) explica que a raiz da opressão das mulheres estava no patriarcado, sendo esse um sistema de organização social em que os homens exercem o domínio sobre as mulheres.

Concordamos com Martins (2015) ao explicar que a segunda onda realocaliza o sujeito e o situa no espaço privado, de onde estariam a emanar todas as desigualdades. Assim, o opressor é o patriarca, aquele que inibe por meio de violência (física ou emocional) o avanço das conquistas das mulheres.

A partir de 1990 iniciou-se a terceira onda do feminismo, em que foi considerado que a categoria mulher não deve ser entendida como uma identidade comum a todas, pois o lugar de fala de cada grupo de mulheres representa diferentes reivindicações.

Desse modo a chamada terceira onda destaca-se no cenário de publicações acadêmicas, tendo em vista a recorrência da tematização sobre gênero e as suas interseccionalidades. O estudo de Rios e Sotero (2019), afirmam que apesar das tensões e diversas perspectivas no mundo acadêmico sobre a interseccionalidade, no Brasil o termo tornou-se categoria relevante nas pesquisas mais recentes.

Nas recentes pesquisas que buscamos sobre a relevância da interseccionalidade: Perez e Ricoldi (2019), Santiago e Faria (2021), Dos Santos e Do Nascimento (2021), Melo (2021), Marcinik, e Mattos (2021), encontramos sua discussão amplamente debatida no cenário educacional em que mostram o conhecimento sendo um aliado no combate a opressão de gênero, classe e raça.

Destacamos que a interseccionalidade pode ser entendida como os marcadores sociais que atravessam os sujeitos sociais. Tiburi (2018, p.55), explica que “o feminismo interseccional, que reúne em si os marcadores de opressão da raça, do gênero e da sexualidade e da classe social, é evidente uma luta contra sofrimentos acumulados”.

Hirata (2014), acrescenta que no debate, as categorias classe, gênero e raça são mais comuns, especialmente quando se trata de discutir a produção das diferenças e a reprodução das desigualdades estruturais.

Collins (2017), corrobora ao analisar a interseccionalidade como um processo de

tradução de ideias forjadas nos movimentos sociais, que se apoia em abordagens críticas às formas analíticas tradicionais de produção de conhecimento, ao mesmo tempo em que se apresenta como instrumento de emancipação política.

Assim, essa categoria tem ocupado espaço na produção acadêmica. Alguns estudos como: Costa e Feltrin, (2016); Sardenberg (2015); Pordeus e De Abreu Viana (2021); Hirata (2014); Collins (2017); Tiburi (2018), entre outros apresentam que a interseccionalidade é um fator que explica e compreende as desigualdades sofridas pelos determinantes sociais: raça, etnia, sexualidade, classe social; sendo essas categorias analíticas atreladas ao gênero.

Portanto, ao abordar essa temática é possível entender as diferentes formas de opressão, desigualdade e hierarquização das relações de poder, a partir dos marcadores sociais supracitados. Revela-se a urgência da retomada deles em busca da justiça social e da equidade.

Ao analisarmos o caráter conceitual de gênero, seguiremos estudando-o no cenário educacional.

1.2 Estudos de gênero e a relação com a Educação

Uma das funções da educação institucionalizada é cumprir sua parte na incorporação de novas representações ou na transformação daquelas existentes na memória coletiva. Tendo em vista que Ramos (2013), apresenta que a escola é um recinto contraditório e importante para manutenção e renovação de padrões sociais, entendemos que os estudos de gênero devem estar presentes, contemplando uma nova perspectiva sendo considerados as diversidades e respeito às diferenças.

Gênero, sexualidade, raça, etnia, classe social, enfim, temas relacionados às vulnerabilidades sociais e movimentos sociais como: o movimento LGBTQIAP+³, movimentos feministas e o movimento negro, como exemplos têm tomado voz no âmbito educacional e ganhado espaços para a discussão na escola.

Estudos como Finco (2013); Prates (2014); Silva (2016); De Matos (2018); Cardoso et al (2019) entre outros, apontam que essa discussão de gênero na escola é relevante para a desnaturalizar e legitimar cientificamente os estudos de gênero, contribuindo para um amplo conhecimento da temática, tendo em vista a construção de uma sociedade democrática, justa e humanista.

³LGBTQIAP+ é uma sigla utilizada para representar Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, *queer*, Intersexo, Assexual, Pansexual e "+" é uma forma de reconhecer todas as outras identidades e orientações que não estão explicitamente representadas nas letras anteriores.

Neira (2011), destaca que a diversidade é uma pauta relevante ao se tratar da escola, pois reconhecer as diferenças é uma maneira de assegurar a diversidade cultural, superando processos discriminatórios, opressão, injustiça social e naturalização das diferenças.

Cardoso et al (2019) salientam que uma das maneiras de mudar o cenário hegemônico da educação é por meio construção de currículos escolares que abordem os estudos de gênero, tendo em vista que “[...] currículo é território político, ético e estético incontrolável que, se é usado para regular e ordenar, pode também ser território de escapes de todos os tipos” (Paraíso, 2018, p. 13).

Para tanto, ao analisarmos o documento norteador a nível federal - Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o termo gênero se apresenta apenas no que se refere às questões literárias, musicais ou gramaticais, o mais próximo que aparece são palavras como “diferenças e diversidades”, justificando que se concentra em construção de valores relacionados ao respeito às diferenças e no combate aos preconceitos de qualquer natureza.

Todavia, não se explicita de quais valores estão propondo, mas “fazê-lo só em determinadas etapas do componente, assegurar a superação de estereótipos e preconceitos expressos nas práticas corporais” (Brasil, 2018, p.221). Por meio destes trechos generalizados, ou seja, apenas expostos e não explorados e explicados, na versão final da BNCC, é a forma que o documento tematiza as diversidades implicitamente.

A falta do termo gênero no documento citado não implica que o mesmo não deve ser abordado nas escolas, tendo em vista que apesar de não ser citado é uma demanda social marcada na historicidade do sujeito, sendo assim, a escola deve ter os conhecimentos científicos específicos para promover a formação, reflexão e problematização desses conteúdos, a fim de propiciar um ambiente de inclusão e livre de discriminação.

Assim seguiremos estudando sobre os estudos de gênero e a sua relação com a Educação Física.

CAPÍTULO 2

GÊNERO E ESPORTE NO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

2.1 Estudos de gênero e a relação com a Educação Física

A Educação Física é uma das áreas de conhecimentos presentes na escola que objetiva o ensino das práticas corporais. Estas são potenciais geradoras de desigualdades de gênero, perspectivando-se nos aspectos hegemônicos tradicionais em que a Educação Física carrega historicamente, como as segregações espaciais e as práticas corporais diferentes.

Tais segregações estão ancoradas em ‘naturalizações’ de gênero, em que direcionam as condutas sociais esperadas para os meninos e para as meninas a partir do sexo em que nasce, contribuindo para a manutenção de estereótipos e práticas generificadas.

As categorizações criadas sobre o que é feminino e o que é masculino, são passíveis de questionamentos, dado que estão ligadas a uma construção histórica, social, política, econômica e cultural dos papéis de gêneros. Segundo Sousa e Altmann (1999), as diferenças biológicas entre os sexos, velam relações de poder marcados pela dominação masculina, dado que a mulher foi simbolizada com atributos de fragilidade, doçura e emoções, ao passo que o homem foi dotado de força, razão. Assim a hierarquização da ‘superioridade’ masculina se deu “por meio das normas, dos objetos, do espaço físico e das técnicas do corpo e dos conteúdos de ensino, fossem eles a ginástica, os jogos ou – e, sobretudo – os esportes” (Sousa e Altmann, 1999, p.56).

Isso acontece devido as relações de poder das classes hegemônicas, para Foucault (1995), as relações de poder têm como capacidade o agir sobre a ação do outro. Ação essa que pode ser manifestado de diversas formas, como a organização espacial, profissional, competências, entre outros. Tendo como um dos objetivos a manutenção de privilégios de um determinado grupo.

Neste sentido, Carvalho (2004), ratifica que as condutas e papéis sociais não são naturalmente atribuídos, pois

(...)o masculino ou feminino, possuem significados socialmente construídos através do processo educacional que molda as identidades de sexo e gênero. conseqüentemente, a construção e as expressões da masculinidade e da feminilidade são variáveis e plurais no espaço (conforme a classe social, religião, etnia, região) e no tempo (conforme a época histórica e a fase da vida individual). Assim, feminilidade e masculinidade não têm significado fixo: são representações sujeitas a disputas políticas pela atribuição de significados. (Carvalho, 2004, p.46)

Ao se tratar das práticas corporais, a normatização das condutas pré estabelecidas de gênero se repetem, ocorrendo uma hierarquização social dos corpos em que a dominação masculina fica evidente, pois são entendidos por meio dessa norma hegemônica, que os meninos são mais fortes, mais aptos e as meninas mais ‘frágeis’, justificando as segregações das práticas e dos espaços.

Outro argumento utilizado para reforçar a dominação masculina nas práticas corporais, principalmente nos esportes, é sobre a ‘falta’ de habilidade das meninas. Os estudos como Altmann (1998); De Souza Junior e Darido (2002); Nascimento (2007); Polese (2017); Motta (2022) e Oliveira (2023) apresentam que esse discurso arraigado a apenas aspectos biologicistas são produzido há décadas na escola, como uma forma de justificar a não participação das mesmas nos esportes.

Essa ‘falta’ de habilidade resulta de construções históricas, que um grupo é privilegiado em relação a outro, inclusive ao acesso e permanência nos esportes. A educação das meninas as direciona aos afazeres domésticos, cuidados com irmãos; já os meninos dispõem de tempo livre para brincar, incentivados a irem para a rua, vivenciando e ampliando seu repertório motor.

Neste sentido Daolio et al (2005, p. 107), afirma que quando crianças:

“Os meninos são incentivados a praticar brincadeiras mais agressivas e mais livres; jogar bola na rua, soltar pipa, andar de bicicleta, rolar no chão em brigas intermináveis, escalar muros e realizar várias outras atividades que envolvem riscos e desafios. As meninas, ao contrário, são desencorajadas de praticar tais brincadeiras e atividades.”

Assim, direcionando as condutas sociais esperadas para os meninos e para as meninas e contribuindo para a manutenção de estereótipos. Isso é reforçado nas aulas de Educação Física ao separar a turma e as práticas corporais; elevando a superioridade masculina, pelo fato de os meninos apresentarem uma melhor desenvoltura no desenvolvimento de atividades físicas e esportivas, inferiorizando as meninas e não dando oportunidades para reverter esse cenário histórico construído.

Lessa (2006), indica que o processo de inserção das mulheres no cenário esportivo é marcado por dificuldades e barreiras, haja vista que os estereótipos sexistas estão atrelados às práticas generificadas esportivas. Desse modo, a permanência das mulheres no esporte resiste a essas dificuldades relacionadas às desigualdades de gênero.

Entretanto, concordamos com Neira (2011), que esse cenário excludente historicamente construído pela Educação Física pode ser transformado, ao abordar aspectos de

cunho cultural atrelados aos valores democráticos e contemplando as produções e demandas das classes menos privilegiadas.

Corroboramos com Nogueira (2005), ao entendemos que as práticas corporais compreendem a Educação Física como uma produção cultural, que fazem parte de um contexto social que envolve aspectos políticos, econômicos, culturais, históricos, etc. A cultura corporal é tematizada pelo multiculturalismo crítico e representa um enfoque para além de incluir o estudo das práticas corporais pertencentes a grupos distintos, Segundo Neira & Gramorelli:

[...] essa perspectiva promove uma reflexão sobre como essas diferenças foram socialmente produzidas e estabelecidas o multiculturalismo crítico problematiza e questiona a cultura corporal em circulação quando prioriza atividades que investigam os mecanismos que a regulam (Neira & Gramorelli, 2017, p. 10)

Portanto, entendemos que abordar a diversidade como parte dos conteúdos, significa que compreendemos a função política social da escola e em específico da Educação Física como uma forma de reduzir os preconceitos e promover ações de caráter includentes dentro de uma sociedade.

Partindo dessa perspectiva, a seguir iremos abordar a importância do papel docente na desconstrução de uma Educação e Educação Física não sexista.

2.2 As propostas de ensino utilizadas para desenvolver a temática gênero nas aulas de Educação Física

Apesar da Educação Física ter marcado em sua trajetória momentos de normatização de práticas generificadas, ela pode ser transformada em um potencial espaço de discussão e problematização de pautas silenciadas, como as intersecções de gênero, raça, etnia, classe social, religião... Isso se torna possível se ressignificarmos os conteúdos elencados e a práxis pedagógica. Portela (2020) afirma que repensando a Educação Física, ela pode ser um espaço de resistência e contribuir para romper paradigmas discriminatórios, segregadores e preconceituosos.

Neira (2011), ao ter como referência o multiculturalismo crítico, propõe que ao levar em conta as diferenças humanas, questionar e combater a ordem vigente é um processo de transformação da cultura escolar, da realidade social e isto só é possível “a partir da compreensão e do reconhecimento das múltiplas identidades culturais que compõem o campo escolar, oferecendo novas possibilidades de ressignificar o ensino da Educação Física” (Neira, 2011, p. 17).

O reconhecimento das múltiplas identidades culturais é uma das formas de minimizar os atos de preconceitos da pluralidade cultural, Canen e Moreira (2001) afirmam que, tanto negam voz a diferentes identidades culturais, silenciando manifestações e conflitos culturais, como buscam homogeneizá-las em conformidade com uma perspectiva monocultural.

Assim, com o reconhecimento, valorização, tensionamento das diversas culturas, principalmente das classes populares, é possível discutir possibilidades de uma abordagem multicultural na promoção de uma educação democratizadora, crítica, autônoma e comprometida com o desenvolvimento de uma cidadania plural e participativa.

Mesmo o cenário da Educação Física, por muitas vezes ainda apresentar o não-reconhecimento das diversidades e seu viés excludente, o campo acadêmico-científico apresenta um crescente aumento dos temas multiculturalismo na área da Educação Física (Maroun, 2015; Rocha et al, 2015; Neira, 2016; Nunes, 2018; Portela, 2020; Moulaz et al, 2022; Mosqueira Andrade, 2023). Os estudos mostram que ao tematizar, discutir e problematizar as múltiplas identidades e diferenças que ocupam o espaço escolar se assegura que a diversidade cultural seja reconhecida, valorizada para que assim os processos de injustiças sociais sejam equiparados e que contribuam para a formação assentada na equidade.

No entanto, essa mudança na forma de compreender o currículo da Educação Física, elencando os saberes produzidos culturalmente, é necessário repensar nas ações educativas que envolvem esse processo, ou seja, analisar os métodos, as estratégias e práticas sociais e culturais que formam pessoas, pontuamos a práxis pedagógica na intervenção docente.

Entendemos como intervenção docente os diversos saberes que os professores mobilizam para auxiliar no processo de ensino-aprendizagem dos estudantes, concordamos com Demo (2012), que o papel do professor na atualidade é desafiador, devido às demandas atuais, porém é por meio da sua intervenção que há a possibilidade de transformar a educação e a sociedade.

A intervenção docente tem a possibilidade de modificar ou manter as relações de poder (de gênero), vigentes na sociedade. Isso se torna possível ao elencar um conteúdo a ser ensinado, concordamos com Neira (2020) ao afirmar que um tema é legítimo quando emana da sociedade, o que abre caminho para que as práticas corporais pertencentes a todos os grupos sociais, independentemente da origem, sejam transformadas em objeto de estudo.

Assim, ao tematizar as práticas corporais resultantes da sociedade, estamos considerando os diferentes contextos (históricos, sociais, culturais) em que são desenvolvidas. Neira (2020) considera que as práticas corporais tematizadas com base em sua ocorrência social e a problematização dos significados que lhes são atribuídos e postos em circulação por meio

dos discursos objetivam imergir os estudantes nas águas da realidade.” (Neira, 2020, p 32).

Neste sentido, Ribeiro, Catrinck e Magalhães (2021), atrela os estudos de gênero ao papel docente em uma perspectiva de produção da criticidade, ao exemplificar em seus estudos as maneiras de propor uma intervenção do professor que atue de maneira a ‘desconstruir’ estereótipos sexistas de gênero, como ao tematizar na escola discussões que estejam associadas aos inúmeros fatos históricos, sociais e religioso que explicam a submissão de um gênero a outro; debates sobre as conquistas e direitos contemporâneos, entre outros..

As autoras Ribeiro, Catrinck e Magalhães (2021, p.12) ainda afirmam que “ao promover discussões como essa, estamos considerando a formação de indivíduos libertos e emancipados que buscam a superação da consciência ingênua”. Para que haja uma ‘transformação social’, é preciso que a ‘consciência crítica’ seja consolidada, segundo Freire (1981), isso só é possível com um processo educativo de conscientização.

Para tanto, as discussões de gênero devem ocorrer de uma maneira não normatizadora, com o intuito de tensionar as relações de poder vigentes, propondo discutir essas perspectivas de modo reflexivo, dialético e não normatizador, sendo o professor quem irá propiciar essa abordagem, oferecendo uma Educação Física crítica e libertadora para democracia.

Frente a esses respaldos científicos sobre o ensino de gênero na Educação Física, Adass (2018), investigou se os professores de Educação Física da Educação Básica tratavam a temática gênero em suas aulas, o resultado foi que não tratavam, pois não tinham o conhecimento específico sobre a temática. Desta forma inferimos que a lacuna estava presente na formação inicial em Educação Física Licenciatura, que não desenvolviam o ensino do gênero.

Com o intuito de verificar se gênero era abordado na formação inicial em Educação Física Licenciatura, Adass (2018), realizou uma pesquisa de Conclusão de Curso, no qual foram entrevistados todos os docentes que ministravam aulas para o curso Licenciatura em Educação Física. O resultado foi que a maioria não tratava de gênero pela falta de conhecimento e quando a temática era abordada, ocorria de maneira equivocada.

Essa representação equivocada é sustentada pelo discurso da “ideologia de gênero”, termo que segundo Almeida (2017), é um movimento organizado que promove campanhas para retirada dos conteúdos de gênero da Educação Básica. Miguel (2016) corrobora ao apresentar que se trata de uma invenção polêmica dos meios conservadores que visa caricaturizar e, assim, deslegitimar um campo de estudos.

O foco das discussões que permeiam a “ideologia de gênero”, está centrado na

orientação sexual e de gênero, principalmente o tratamento e o não tratamento de gênero nas aulas, a conceituação de gênero e o tratamento dado aos/às estudantes de crianças e adolescentes, pois afirmam que o debate sobre gênero e sexualidade nas escolas tem o intuito doutrinar, colocando o professor como um doutrinador que irá ditar o que esses estudantes devem ser, ou com quem se relacionar.

Outro discurso que sustenta esse pensamento, é a manutenção da família tradicional, no qual apenas as relações heteronormativas são as consideradas, segundo Barreiro et al (2018), o que está em jogo nesta perspectiva, é a manutenção de um modelo hegemônico de sociedade construído a partir de noções da heterossexualidade compulsória e de valores morais nos quais o padrão de família, constituída exclusivamente por um homem, uma mulher e sua prole, está em pauta.

Articulados, esses movimentos tiveram impacto tanto na educação como na Educação Física, entretanto, não há em nenhum documento registros de que será ensinado “ideologia de gênero”, principalmente com os pressupostos elencados sobre a “ideologia de gênero”. Neste sentido, Reis e Eggert (2017), afirmam que nenhum dos Documentos Finais das Conferências de Educação de 2008, 2010 e 2014, nem a versão inicial do Plano Nacional de Educação, fazem menção do termo “ideologia de gênero”, e sim têm por objetivo garantir o alcance da equidade entre os gêneros e o respeito à diversidade sexual.

Frente aos ataques em pautar a discussão de gênero na escola, as pesquisas científicas contribuíram para certificar que é preciso e urgente discutir gênero na escola, mas para falar sobre gênero é necessário estudar e conhecer esta área, para isso a formação inicial em professores de Educação Física deve contemplar essa temática nos currículos, pois há uma fragilidade na formação inicial quanto ao tema. No que diz respeito à escola, o papel do professor deve atuar de maneira formadora, visando à formação humana e desconstruindo os estereótipos e sexismos de gênero, para propiciar o desenvolvimento de uma consciência crítica coletiva.

2.3 Temática gênero na relação com o esporte

A discussão da temática gênero na Educação Física escolar é uma demanda cotidiana principalmente quando está sendo abordado o esporte devido a naturalização dos movimentos e modalidades destinadas para meninas e meninos. Jaeger e Goellner (2011, p.66) afirmam que: “identificamos o esporte como um espaço propício para tencionar as representações de gênero, pois nele produzem-se corpos e subjetividades que desestabilizam as determinações biológicas”, sintetizam a importância de propor discussões sobre gênero no âmbito do esporte,

dado ao caráter pré estabelecido dos papéis sociais por meios dos esportes.

Altmann (2015, p.86) ressalta que as aulas de Educação Física devem ser vista como um “espaço de múltiplas vivências educativas em que não somente se educa, modela e aprimora o corpo, o gesto e as habilidades, mas, também os gêneros e suas relações”. Para que isso aconteça a discussão sobre gênero deve compor as práticas pedagógicas da Educação Física escolar.

Ao contemplarmos o esporte nas aulas de Educação Física devemos possibilitar ao estudante as diversas maneiras de realizá-lo, superando a ideia de que seu objetivo na escola é a formação de atletas. Bourdieu (1990) apresenta que isso é possível por meio da interpretação de suas regras e normas de ação. Reiterando que as alterações no seu sentido se dão pela interpretação dos participantes, que deriva de suas características sócio-culturais.

Dessa forma, a prática é transformada e caracterizada de acordo com os sujeitos envolvidos e o ambiente em que ela ocorre.

Barroso e Darido (2006) afirmam sobre a importância da presença do esporte nas aulas de Educação Física

(...) o esporte é um fenômeno que está culturalmente enraizado em nossa sociedade, portanto, necessita de uma atenção especial para que possamos oferecer aos alunos condições de entende – ló e refletir sobre suas variadas possibilidades, pois da mesma forma que os acontecimentos da sociedade exercem influência na escola, reciprocamente a escola também possui a propriedade de intervir nesta sociedade. (Barroso e Darido, 2006, p. 103).

Bento (2004) afirma que essa relação do esporte com a sociedade, cultura e sujeitos sociais, torna-o como um fenômeno sócio-cultural. O autor explica que

(...) engloba diversas práticas humanas, norteadas por regras de ação próprias, regulamentadas e institucionalizadas, direcionadas para um aspecto competitivo, seja ele caracterizado pela oposição entre sujeitos ou pela comparação entre realizações do próprio indivíduo, que se manifestam através da atividade corporal. Essas práticas podem ou não se expressar através de confrontos diretos entre sujeitos, de mensuração de performances, de nomeação de vencedores ou destaques, mas sempre expressam o desejo de realização do ser humano que encarna a necessidade, entre outras, de emocionar-se, superar-se, jogar, brincar e comunicar-se. Sem o esporte, o desenvolvimento cultural do homem fica mais pobre (Bento, 2004).

Tubino (1999) afirma que o esporte é uma atividade abrangente, visto que engloba diversas áreas importantes para a humanidade, como saúde, educação, turismo. Destacando também o papel social que o esporte desempenha na vida da humanidade. Assim, compreender

o esporte como um fenômeno socio-cultural é considerar a relação da cultura e da sociedade na produção das diversas formas de realiza-lo.

O esporte nessa perspectiva e atrelado as discussões de gênero nas aulas de Educação Física devem problematizar estereótipos esperados para as modalidades esportivas, linguagens excludentes em que as mulheres são associadas a termos ofensivos, incentivo a realização das vivências, contextualização da inserção da mulher no esporte, valorização do protagonismo feminino no esporte de alto rendimento, entre outros.

Portanto, apresentar novas propostas na escola tendo como cenário o esporte e o gênero, é caminhar em direção a novas formas de pensar a Educação Física, sendo esse ‘olhar’ mais humanitário e contemplando as diferenças como conteúdos de discussão.

CAPÍTULO 3

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta etapa serão abordados os procedimentos metodológicos adotados para responder o problema de pesquisa e os objetivos suscitados. Esses procedimentos se baseiam na escolha do tipo de pesquisa, a população estabelecida e os instrumentos que foram utilizados das respectivas maneiras em que estão descritos.

A natureza da pesquisa se caracteriza a partir de uma abordagem qualitativa, pois como afirma Gunther (2006), a ênfase na totalidade do indivíduo como objeto de estudo é entendida como essencial, visto em sua historicidade, possibilitando contextualizar o processo de formação dos sujeitos.

Assim, a pesquisa qualitativa propõe uma maneira de interpretar, analisar dimensões mais profundas da complexidade do comportamento humano. “[...] fornece análise mais detalhada sobre investigações, hábitos, atitudes e tendências de comportamentos.” (Marconi; Lakatos, 2005, p. 269).

Outro aspecto que elencamos sobre a pesquisa qualitativa é a sua relação com a subjetividade do objeto pesquisado (sujeito), pois

[...] coloca a relação epistemológica, ao mesmo tempo uma relação de poder, sujeito-objeto de investigação em níveis de simetria aceitáveis, diferentemente de outros desenhos metodológicos, que a instrumentalizam de modo perverso, transformando o objeto de investigação e seus colaboradores em função dos objetivos do pesquisador. Equalizando essa relação, a pesquisa qualitativa, sobretudo, transforma os colaboradores de um estudo em coautores e protagonistas dos processos metodológicos. (Goellner et al, 2010, p. 382).

Consonante a natureza qualitativa da pesquisa e ao objetivo analisar a temática gênero no processo de ensino-aprendizagem do esporte a partir da construção e proposição de um jornal estudantil junto às turmas de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental, este estudo terá como orientação a pesquisa intervenção.

A pesquisa intervenção se caracteriza segundo Lüdke, Cruz & Boing (2009), por possibilitar a intervenção do/a professor/a como pesquisador/a em seu lócus de atuação (escola) analisando suas próprias práticas.

Destacamos que o termo intervenção merece atenção especial porque segundo Rocha e Aguiar (2010):

é a característica que distancia a tradição cartesiana/positivista da pesquisa-intervenção. Enquanto a primeira refere-se à uma postura, um ethos em que o pesquisador é convocado a distanciar-se do seu objeto de estudo, bem como perseguir uma possível imparcialidade, a segunda proposta aposta no numa postura ético-estético-política criando dispositivos de análise coletiva que levam em consideração o lugar que o pesquisador ocupa e as suas relações com o meio em que atua. (Rocha e Aguiar, 2010, p. 65)

Paulon (2005), explica que a construção desse campo se faz à medida que nos implicamos e reconhecemos nosso lugar como agentes transformadores e em transformação.

Portanto, nosso lócus de intervenção é a escola; os sujeitos são os estudantes, que no decorrer dessa proposta de pesquisa tiveram sua participação ativa com a pesquisadora (professora de Educação Física) para comporem os resultados da pesquisa.

A pesquisa foi realizada em uma escola da Rede Estadual, do interior de São Paulo, inserida no Programa de Ensino Integral (PEI). Os participantes da pesquisa foram os/as estudantes do Ensino Fundamental Anos Finais 8ºanos e 9ºanos que escolheram a eletiva sobre o jornal estudantil, tematizado sobre gênero e a práxis esportiva, totalizando 37 alunos participantes da pesquisa.

O desenvolvimento da pesquisa que se tratou da produção de um jornal escolar sobre gênero e esporte, foi realizado em 12 aulas no componente curricular Eletiva, pertencente ao currículo do Estado de São Paulo. A ementa da Eletiva explica que este componente envolve diferentes habilidades e propõem a diversificação de situações didáticas, visando aprofundar, enriquecer e ampliar os conhecimentos dos/as estudantes acerca de componentes e/ou área de conhecimento presentes no Currículo Paulista.

A Eletiva proposta elencou a Educação Física, o esporte e a construção de um jornal estudantil pertinente a essa temática.

Todos os participantes aceitaram participar do estudo por meio do preenchimento do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido direcionado aos/às estudantes (Apêndice B) e para os responsáveis do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (Apêndice A). O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos da universidade envolvida com o número de parecer 6.408.736 (Anexo 1).

3.1 Ação da pesquisa

O desenvolvimento da pesquisa ocorreu em 12 aulas, para o planejamento das aulas foi perspectivado nos estudos de gênero na Educação Física, esporte e a estratégia pedagógica jornal escolar.

Foi elencado metodologias diversificadas a fim de contribuir para a produção de um jornal que apresentou a temática gênero como uma possibilidade de transformação social, valorização das mulheres e das diversidades, problematização das relações de poder, respeito e justiça social.

Na sequência será apresentado a estratégia pedagógica jornal escolar e os planos de aula com breves resumos das atividades desenvolvidas.

3.1.1 Proposta pedagógica jornal

A proposta pedagógica é um conceito que se refere não somente a uma forma de orientar o trabalho do professor, segundo Fardo (2013), às propostas pedagógicas são ações docentes para ensinar levando em consideração a aprendizagem de cada um. Viana (2005), a caracteriza como uma ação intencional que envolve uma sequência de processos concebidos para atingir um determinado objetivo, a aquisição de conhecimento.

Para tal, ressaltamos a utilização do jornal escolar como uma proposta pedagógica, Freinet (1974) iniciou a utilização desse instrumento de ensino-aprendizagem em 1924. Sua proposta educacional substitui a rotina dos livros e manuais, dos trabalhos e lições de casa, e propôs o método baseado em textos livres.

Para o autor esse método busca a observação e experimentação através da própria vida, a expressão, sob todas as suas formas literárias, científicas, artísticas, permite-nos reunir e apurar o conteúdo do jornal.” (Freinet, 1974, p. 22).

Martins e Rabelo (2020), afirma que o texto livre se configurava como uma técnica de trabalho que criou uma nova cultura escolar na qual o estudante era o principal protagonista do processo de ensino e aprendizagem.

Carneiro, Nascimento e Bastos (2014), afirma que o jornal escolar é muito mais do que uma ferramenta pedagógica de letramento, que dependendo da maneira que for utilizada, pode se tornar um instrumento de formação política do sujeito que se insere nessa atividade.

Além de propiciar a criticidade aos educandos, ele traz à escola a comunicação, desenvolvendo a autonomia, noção de cidadania e participação social, incentivando o protagonismo estudantil, habilidades que visam a construção de estudantes com uma visão de mundo ampliada.

Bordenave (1994, p. 77), afirma que “a participação é um processo de desenvolvimento da consciência crítica e de aquisição de poder. Ao promover a participação deve-se aceitar o fato de que ela transformará as pessoas, antes passivas e conformistas em pessoas ativas e críticas.” (Da Silva Vieira e Abranches, 2017, p.260).

A postura ativa em que os/as estudantes atuam na elaboração de um jornal estudantil foi apresentada por André (2022), afirmando que essa proposta pedagógica “permite que os alunos deixem de ser apenas consumidores de informações, para também produzi-las.” Gomes (2016), reitera que outra contribuição é o incentivo à escrita e leitura. Paes (2023), reforça que a produção do jornal estudantil favorece a prática social da escrita ao passo que atribui maior autonomia da mesma, incentiva o engajamento do cotidiano da vida escolar e estimula a leitura e a produção de gêneros textuais.

Dutra et al (2019), defende que o jornal no espaço escolar contribui com a variedade temática, o caráter informativo, à atualidade de assuntos e à facilidade de acesso em diversos ambientes letrados.

Entendemos que o jornal possui um potencial pedagógico relevante ao ser utilizado como proposta, pois atrelada às discussões de gênero que permeiam nosso trabalho, possibilita a mudança do olhar hegemônico para o cenário esportivo, em busca da identificação das diferenças e exclusões de grupos não hegemônicos ocorrido ao longo da história, com o intuito de problematizá-las e desnaturalizá-las.

O produto educacional desta pesquisa teve como objetivo construir uma proposta pedagógica por meio da estratégia de ensino jornal estudantil referente a temática gênero e esporte, para os/as estudantes do Ensino Fundamental Anos Finais, nas aulas de Educação Física, na realização da disciplina eletiva.

Esta intervenção por meio de um jornal segundo Bonini (2011), entende-se como privilegiada, dado ao fato à importância social do jornal e ao protagonismo estudantil, visto que os educandos serão os autores e a equipe docente atuarão na mediação de sua construção.

O material auxiliará nas intervenções dos/as professores/as de Educação Física, pois será possível propiciar aos/as estudantes uma formação ampla e humana, desconstruindo os estigmas, estereótipos de gênero e sexualidade, possibilitando o entendimento dos direitos e equidades, de respeito às diversidades, podendo assim transformar a sociedade com vistas ao respeito pelo que é ‘diferente’.

Assim, buscamos no decorrer de 12 aulas elaborar uma proposta pedagógica para a produção do jornal escolar. No subtópico seguinte explicaremos detalhadamente os planos de aula de cada aula.

3.1.2 Planos de aula

A elaboração da proposta pedagógica para a produção do jornal foi organizada no decorrer de 12 aulas. Organizamos essa proposta nos planos de aulas dos quadros abaixo.

Quadro 1 - Brainstorming⁴ da temática

AULA 1 e 2 - TEMA: Mapeamento dos conhecimentos prévio ao tema jornal gênero e esporte
OBJETIVO: Conhecer os temas sobre gênero desenvolvidos para a construção do jornal estudantil
HABILIDADES: (EF07EF06) Analisar as transformações na organização e na prática dos esportes em suas diferentes manifestações (profissional e comunitário/lazer). (BNCC) - Compreender os esportes como fenômenos socioculturais, em sintonia com os temas do nosso tempo e das vidas dos estudantes (Habilidades proposta pelas autoras) -Discutir e problematizar os temas atrelados aos estudos de gênero (Habilidades proposta pelas autoras)
DESENVOLVIMENTO: <u>Atividade 1:</u> Iniciar apresentando a temática do Jornal: esporte e diversidades, lembrando a importância da participação dos/as estudantes de maneira colaborativa. Para tanto, o professor partirá da atividade de "tempestade de ideias", <i>brainstorming</i> , a fim de identificar a percepção dos/as estudantes sobre o tema esporte e diversidades. A "tempestade de ideias" poderá ser provocada pelas seguintes perguntas: a)O que é diversidade para vocês? b)O que são as diversidades no esporte ? c)Como você entende as relações de gênero no esporte ? Anotar na lousa em torno de 20 palavras suscitadas pelos estudantes; em grupos irão escolher 5 palavras e escrever o que aqueles termos significam. Após escreverem em uma roda de conversa, a professora irá mediar uma socialização em que os/as estudantes verbalizem os dados apresentados na folha. <u>Atividade 2:</u> Apresentar aos/às estudantes a conceituação das diversidades, gênero, por meio de um material apresentado no powerpoint, esclarecendo as possíveis dúvidas, equívocos e atribuindo um conceito científico sobre a temática. Ao finalizar propor uma dinâmica em um espaço aberto chamada "linha da violência", a fim de contextualizar os machismos existentes na sociedade.
AValiação: Avaliar se os/ás estudantes conhecem a temática esporte e diversidade por meio do brainstorming e da verbalização do significado dos termos suscitados.
MATERIAIS: Computador, televisão, folha sulfite, lápis , borracha, fita crepe.

Fonte: elaborado pela autora

Quadro 2- Contato inicial com o jornal impresso e estudos dos cadernos

⁴ Brainstorming: Significa chuva de ideias, é uma ferramenta associada à criatividade e utilizada, geralmente, na fase de planejamento de um projeto, na busca de soluções para um determinado problema. (Osborn, 1987).

A técnica de brainstorming é utilizada com a finalidade de gerar o maior número de ideias possíveis acerca de um determinado tema ou questão. Assim, propondo que um grupo de pessoas se reúnam a fim de colaborar para uma "tempestade de ideias", onde as diferenças e experiências de cada uma somadas e associadas às dos outros, formem um longo processo de sugestões e discussões. Nenhuma ideia é inicialmente descartada ou julgada, todas as ideias são ouvidas e anotadas, para que possam evoluir até à chegada da solução efetiva. (OSBORN, 1987)

AULA 3 e 4 - TEMA: Conhecendo um jornal impresso e os cadernos que o compõem

OBJETIVOS: Conhecer e reconhecer a estrutura de um jornal impresso a partir do manuseio; leitura de exemplares de jornais locais e identificar o caderno textual por meio do recorte de notícias sobre gênero, esporte e diversidades.

HABILIDADES:

- Formular perguntas, debates e intervir sobre a relação entre a prática do esporte entre os diferentes gêneros. (Habilidade propostas pelas autoras).

(EF67EF06) Analisar as transformações na organização e na prática dos esportes em suas diferentes manifestações (profissional e comunitário/lazer) (BNCC)

(EF69LP16) Analisar e utilizar as formas de composição dos gêneros jornalísticos da ordem do relatar, tais como notícias (pirâmide invertida no impresso X blocos noticiosos hipertextuais e hipermidiáticos no digital, que também pode contar com imagens de vários tipos, vídeos, gravações de áudio etc.), da ordem do argumentar, tais como artigos de opinião e editorial (contextualização, defesa de tese/opinião e uso de argumentos) e das entrevistas: apresentação e contextualização do entrevistado e do tema, estrutura pergunta e resposta etc. (BNCC).

-Identificar os gêneros jornalísticos e sua relação com os esportes e diversidades. **(Habilidade propostas pelas autoras).**

DESENVOLVIMENTO:

Atividade 1: Apresentado aos/as estudantes o jornal impresso, seus cadernos, caracterizando cada um deles, propor que olhem um por um para saber qual o tipo de assunto tem maior afinidade. Após visualizarem os assuntos, definir qual é que possui mais afinidade para que assim seja possível realizar o agrupamento dos/as estudantes de acordo com o gênero jornalístico escolhido.

Atividade 2: Realização de grupos produtivos com a separação de cada assunto e caderno que será abordado e produzido no jornal. Por meio do material jornal impresso, dividir os cadernos e entregar para cada grupo, em uma cartolina os grupos terão que identificar quais são os gêneros textuais presentes em cada caderno. Terão que recortar do jornal os gêneros presentes, a fim de identificarem as características do seu caderno, para que possam produzir matérias semelhantes.

Atividade 3: Por meio da produção da cartolina dos grupos divididos pelos cadernos do jornal, propor que dentro do gênero textual busquem produções referentes aos esportes, diversidades e discussão de gênero. Ao final da aula socializar quais foram as informações coletadas no jornal e sua relação com a diversidade.

AValiação: Avaliar se os/as estudantes reconhecem a estrutura de um jornal impresso por meio da produção de um cartaz com notícias sobre os assuntos de um dos cadernos do jornal; se compreendem o que são diversidades por meio dos gêneros textuais identificados e socializados para a sala.

MATERIAIS: Jornal impresso, cola, tesoura, cartolina,

Fonte: elaborado pela autora

Quadro 3 - PRODUÇÃO INICIAL: elaboração de roteiros

AULA 5 e 6 - TEMA: Produção inicial dos cadernos: roteirização das notícias

OBJETIVOS:

Produzir os roteiros que nortearão e estruturarão as notícias pertencentes a cada caderno do jornal.

HABILIDADES:

(EF69LP03) Identificar, em notícias, o fato central, suas principais circunstâncias e eventuais decorrências; em reportagens e fotorreportagens o fato ou a temática retratada e a perspectiva de abordagem, em entrevistas os principais temas/subtemas abordados, explicações dadas ou teses defendidas em relação a esses subtemas; em tirinhas, memes, charge, a crítica, ironia ou humor presente. (BNCC)

(EF69LP37) Produzir roteiros para elaboração de vídeos de diferentes tipos (vlog científico, vídeo-minuto, programa de rádio, podcasts) para divulgação de conhecimentos científicos e resultados de pesquisa, tendo em vista seu contexto de produção, os elementos e a construção composicional dos roteiros. (BNCC).

(EF89EF05) Identificar as transformações históricas do fenômeno esportivo e discutir alguns de seus problemas (doping, corrupção, violência etc.) e a forma como as mídias os apresentam. (BNCC)

-Relacionar as notícias e outros gêneros jornalísticos com os esportes, problematizando as relações de gênero presentes. (**Habilidade proposta pelas autoras**).

DESENVOLVIMENTO:

Atividade 1: Retomando a aula anterior, sobre os cadernos dos jornais, lembrar que os cadernos escolhidos por eles para comporem o jornal (escolhidos por meio de afinidade ao caderno). Assim, apresentar detalhadamente por meio de uma gamificação no wordwall as características de cada caderno, para que assim seja possível produzir um roteiro elencando qual será o gênero jornalístico que usarão; como irão atrelar a temática gênero e diversidades a cada caderno.

Como uma forma de avaliação realizar a gamificação no Kahoot, sobre as características e estrutura dos gêneros jornalísticos (artigo de opinião, notícia, carta ao leitor...) dos cadernos pertencentes a um jornal.

Ao finalizar essa etapa, socializar com a sala o roteiro do que será produzido nos cadernos.

Os grupos que irão usar como coleta de dados a entrevista, terão que elaborar as perguntas nesta etapa. Nessa etapa é importante propiciar sugestões sobre conhecer; entrevistar alguma atleta da região, valorizando o protagonismo feminino nos esportes.

AValiação:

Avaliar se os/as estudantes compreenderam qual a estruturação do seu caderno por meio da produção dos roteiros para a elaboração dos gêneros jornalísticos e avaliar por meio das respostas apresentadas na gamificação Kahoot se compreenderam as características dos cadernos de um jornal.

MATERIAIS: Computador, televisão, lápis, borracha e sulfite.

Fonte: elaborado pela autora

Quadro 4 - Coleta de dados

AULA 7 e 8 - TEMA: Coleta de dados para a elaboração dos cadernos do jornal

OBJETIVOS:

Coletar os dados que subsidiarão as notícias e produções de cada caderno do jornal.

HABILIDADES:

(EF89EF05) Identificar as transformações históricas do fenômeno esportivo e discutir alguns de seus

problemas (doping, corrupção, violência etc.) e a forma como as mídias os apresentam. (BNCC)

(EF89EF01) Experimentar diferentes papeis e fruir os esportes de rede/parede, campo e taco, invasão e combate, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo.(BNCC).

(EF89EF06) Verificar locais disponíveis na comunidade para a prática de esportes e das demais práticas corporais tematizadas na escola, propondo e produzindo alternativas para utilizá-los no tempo livre. (BNCC).

-Formular questões que problematizam a mulher nos esportes (inserção, permanência, enfrentamentos). **(Habilidades proposta pelas autoras)**

DESENVOLVIMENTO:

Atividade 1: Nesta etapa os/as estudantes irão consultar o roteiro elaborado anteriormente sobre os elementos que comporão a notícia de cada caderno do jornal, tendo em vista que há especificidades para cada caderno,

Essa etapa os/as estudantes irão realizar as entrevistas propostas, dentro e fora da escola, para posteriormente transcrevem as mesmas e compilarem os resultados auxiliando na produção da notícia.

AValiação:

Avaliar se os/as estudantes realizaram a coleta de dados por meio das entrevistas e transcrições dos dados obtidos para a produção da notícia.

MATERIAIS: Gravador (celular).

Fonte: elaborado pela autora

Quadro 5 - EDIÇÃO DO JORNAL E REVISÃO DOS CADERNOS

AULA 9 e 10 - TEMA: Edição das notícias do jornal no meio digital.

OBJETIVOS:

Escrever, editar e produzir as notícias e outros gêneros jornalísticos criando um jornal digital atrelado ao tema gênero, diversidade e esporte.

HABILIDADES:

(EF69LP10) Produzir notícias para rádios, TV ou vídeos, podcasts noticiosos e de opinião, entrevistas, comentários, vlogs, jornais radiofônicos e televisivos, dentre outros possíveis, relativos a fato e temas de interesse pessoal, local ou global e textos orais de apreciação e opinião – podcasts e vlogs noticiosos, culturais e de opinião, orientando-se por roteiro ou texto, considerando o contexto de produção e demonstrando domínio dos gêneros

(EF69LP08) Revisar/editar o texto produzido – notícia, reportagem, resenha, artigo de opinião, dentre outros –, tendo em vista sua adequação ao contexto de produção, a mídia em questão, características do gênero, aspectos relativos à textualidade, a relação entre as diferentes semioses, a formatação e uso adequado das ferramentas de edição (de texto, foto, áudio e vídeo, dependendo do caso) e adequação à norma culta.

- Formular perguntas, debates e intervir sobre a relação entre a prática do esporte entre os diferentes gêneros. **(Habilidade propostas pelas autoras).**

(EF67EF06) Analisar as transformações na organização e na prática dos esportes em suas diferentes manifestações (profissional e comunitário/lazer) (BNCC)

DESENVOLVIMENTO:

Atividade 1:Essa etapa os/as estudantes irão produzir a notícia ou outro gênero jornalístico abordado no caderno escolhido, assim com os materiais devidamente coletados e o roteiro em mãos, irão escrever os parágrafos que compõem o gênero jornalístico. O professor nesse momento deverá corrigir e propiciar as adequações necessárias.

Os/as estudantes irão utilizar a plataforma digital Canva para editar o logo do jornal, escreverem, anexar as fotos, assim o produto dessa etapa é finalizar a notícia ou outro gênero jornalístico produzido no jornal digital.

AVALIAÇÃO:

Avaliar se os/as estudantes produzem as notícias e outros gêneros jornalísticos no formato digital adequado ao tema e ao caderno escolhido.

MATERIAIS: Computador, gravador (celular), folha sulfite (roteiros).

Fonte: elaborado pela autora

Quadro 6 - Finalização e apresentação do jornal

AULA 11 e 12 - TEMA: Culminância do jornal estudantil

OBJETIVOS:

Apresentar o jornal estudantil relacionando com a temática gênero e esporte.

HABILIDADES:

- Engajar-se ativamente no processo de produção oral/escrita, sobre gênero nos esportes, valorizando o protagonismo feminino. **(Habilidade proposta pelas autoras).**

(EF67LP21) Divulgar resultados de pesquisas por meio de apresentações orais, painéis, artigos de divulgação científica, verbetes de enciclopédia, podcasts científicos etc.(BNCC).

DESENVOLVIMENTO:

Atividade 1: Essa etapa final os/as estudantes irão organizar uma apresentação para a escola sobre o jornal estudantil produzido, será necessário uma televisão para expor o jornal no formato digital, computadores para deixarem exposto exemplares do jornal digital.

O formato impresso será anexado em uma lousa para a leitura dos/as outros/as estudantes que irão assistir e montar uma banca de jornal com exemplares para a divulgação.

A organização da apresentação do jornal será dividida em grupos, mesmos grupos dos cadernos, para que assim expliquem quais foram os caminhos que utilizaram para chegar ao produto apresentado.

Durante a apresentação os/as estudantes deverão evidenciar as discussões sobre a temática gênero e esporte relacionado com as notícias e produções do jornal.

AVALIAÇÃO:

Avaliar se os/as estudantes compreendem a produção do jornal estudantil relacionado com a temática gênero e esporte, por meio das apresentações do jornal estudantil e verbalizações sobre a temática.

MATERIAIS: Jornal impresso (produção dos estudantes), jornal digital (computador) e televisão.

Fonte: elaborado pela autora

3.1.3 Coleta de dados

Para o levantamento de dados dessa pesquisa utilizamos os diários de aula, realizado no decorrer das 12 aulas ministradas para a produção do jornal escolar.

Os diários de aula consistem em documentos em que há descrições das ações ocorridas durante o desenvolvimento das aulas. Ressaltando as impressões que são marcantes para o andamento da pesquisa.

Zabalza (2004), afirma que os diários fazem parte de enfoques ou linhas de pesquisa baseados em documentos pessoais ou narrações autobiográficas. Ele destaca que do ponto de vista metodológico, os diários de aula são ricos instrumentos, os quais proporcionam elementos, próprios da ação pedagógica, que servem de análise de uma dada realidade educacional.

Portanto, os diários de aula produzidos na pesquisa ocorreram no decorrer das aulas, das atividades propostas para a construção do jornal escolar, sendo registrada os encaminhamentos, falas e todas as propostas que a professora-pesquisadora percebeu como impressões dos estudantes.

3.2 Análise dos dados

A análise dos diários de aula foi compilada pelo método de Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2004). Desde a etapa inicial até à apresentação dos resultados das análises dos conteúdos.

Para isso, seguimos o processo de formação das categorias proposto por Bardin (1977), selecionamos o material e realizamos a leitura flutuante das mensagens contidas, procedemos com a codificação. Essa codificação baseou-se na repetição das palavras, as quais, ao serem comparadas com os resultados obtidos, foram formando as unidades de registros. Para a autora, uma unidade de registro significa uma unidade a se codificar, podendo esta ser um tema, uma palavra ou uma frase.

No processo de enumeração, foi considerado para a contagem a presença ou a ausência de elementos (palavras, temas ou outras unidades). Outros fatores cruciais nesse processo são a frequência em que aparece a unidade de registros e, por fim, a ocorrência, caracterizada pela presença simultânea de duas ou mais unidades de registro numa unidade de contexto

A identificação e a seleção das U.R são fundamentos para a codificação e a categorização para a análise dos conteúdos representados. Após o recorte, iniciamos a etapa de enumeração das URs. Primeiramente, identificamos e agregamos as URs dos textos com sentidos semelhantes ou iguais presentes em diferentes trechos e assuntos abordados nas aulas sobre a temática gênero e o conceito de gênero.

Após essa agregação de URs (temas) iniciamos enumeração por meio de contagem simples (quantidade de ocorrências de uma mesma URs)

O sistema categorial utilizado na AC (análise de conteúdo) prioriza a criação de

categorias relacionadas ao objeto de pesquisa. As categorias são responsáveis pela identificação das questões relevantes contidas nos textos coletados, ou seja, presentes nos conteúdos das mensagens contidas nos textos analisados.

A partir das categorias foi possível, por meio de inferências, identificar e analisar o conteúdo dos diários de aula.

Para a construção das categorias seguimos os critérios propostos por Bardin (2004), segundo a autora, as categorias devem possuir certas qualidades como: exclusão mútua – cada elemento só pode existir em uma categoria; homogeneidade – para definir uma categoria, é preciso haver só uma dimensão na análise; pertinência – as categorias devem dizer respeito às intenções do investigador, aos objetivos da pesquisa; produtividade – as categorias serão produtivas se os resultados forem férteis em inferências, em hipóteses novas, em dados exatos.

Sintetizamos no quadro abaixo a apresentação dos termos, palavras, frases que convergiram para os mesmos conceitos, para encontrarmos as categorias que atendiam ao objetivo do estudo.

Quadro 7 - Categorias da Análise do Conteúdo

UR	CATEGORIAS	FALAS	ANÁLISE
Transexual Gênero Feminino Masculino Homossexual Papel de gênero Padrões corporais	Normalização dos papéis sociais e de gêneros	“quando eu crescer vou casar e ter filhos” minha mãe quer que eu case “ter uma família, casar e ter filhos” Não sentimos pressão igual as meninas estão sobre isso Padrões corporais os meninos não escutam que sua obrigação é fazer os serviços de casa elas não têm os mesmos incentivos, tipo assim, não ganham uma bola quando são pequenas, elas ganham bonecas.	Socialmente as meninas sofrem a pressão da normalização dos papéis sociais historicamente delegados a ela.
Preconceito Machismo Desigualdade Desvalorização Homofobia Diferenças	Preconceito e Discriminação	Não só na escola a gente ouve isso. Sua obrigação são serviços de casa. Chamam elas de rodada ou coisas piores As meninas são mais xingadas por isso. Sexo fragil é para as meninas Sua roupa é o motivo do assédio. A Izabela (atleta) sofreu bastante preconceito mais da sociedade as meninas não querem fazer os esporte aqui na escola porque elas não se interessam, isso acontece por causa do machismo Isso ai faz com que pensem que esporte não é de menina”	Preconceito vem da desigualdade das relações de gênero, atreladas às relações de poder.
Mulher no futebol Valorização Patrocínio Mídias	Valorização do protagonismo feminino	não existe isso de menina ser mais burra que menino, tudo depende do estudo Futebol amador na cidade, mas tem só o masculino Queremos falar das mulheres que trabalham na escola “Queremos valorizar que nossa escola só tem mulheres na coordenação Vamos praticar um esporte que as mulheres não são consideradas fracas Vai mostrar mulheres dando aula e também sobre o preconceito no esporte, em que elas sofreram. Não tem nenhum time de meninas nos esportes, isso me incomoda muito.	Preconceito provoca a discriminação e ocasiona a desvalorização da mulher na sociedade e no esporte.

Fonte: autoras

As categorias emergidas da Análise do Conteúdo dos diários de aula foram: a) Normalização dos papéis sociais e de gênero; b) Preconceito e discriminação de gênero e c) Valorização do protagonismo feminino.

No próximo capítulo, as categorias serão apresentadas, exploradas e analisadas juntamente ao objetivo da pesquisa.

CAPÍTULO 4

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo é destinado a apresentação dos resultados e discussões obtidos na pesquisa atendendo aos objetivos, no que tange a produção do produto educacional.

A produção do jornal escolar perspectivou a abordagem de gênero no ensino da Educação Física sobre o esporte, possibilitando problematizar nas aulas de Educação Física as relações de poder desiguais e a desnaturalização dos papéis sociais com base no gênero.

A partir da análise do conteúdo dos diários de aula encontramos três categorias de análises sobre a produção do jornal escolar tematizando gênero e esporte. São elas: a) Normalização dos papéis sociais e de gênero b) Discriminação de gênero; c) Valorização do protagonismo feminino.

Iremos apresentar essas categorias em subtópicos para aprofundar e explicar os resultados dessas análises.

4.1 Normalização dos papéis sociais de gênero e sexualidade

Nessa primeira categoria buscamos analisar a normalização dos papéis sociais de gênero e do conceito de sexualidade apontadas pelos estudantes durante o desenvolvimento da produção do jornal escolar por meio de ‘tempestade de ideias’ Durante 12 aulas foram realizadas atividades nas quais os/as estudantes precisavam falar, explicar, pesquisar, agir, opinar, exemplificar e comentar sobre: diversidade, gênero e esportes. No decorrer dessas atividades foi possível identificar que uma normalização dos papéis sociais de gênero principalmente em relação aos papéis socialmente atribuídos à mulher e algumas dúvidas e ‘confusões’ sobre o conceito de sexualidade.

Esses fatos foram observados com maior recorrência nas aulas 01 e 02, em que buscamos identificar se os estudantes conheciam a temática diversidade, gênero e esporte. Primeiramente, tiveram que falar vinte termos que remetiam ao esporte e diversidade, emergiram os seguintes termos: “Gênero; Transexual; Mulher no futebol; Homossexual; Diversidades; Preconceito; Machismo; Desigualdade; Desvalorização; Esportes; Feminino; Masculino; Frágil; Homofobia; Diferenças; Racismo; Influências; Patrocínio; Mídias e Valorização”. Como podemos observar na Figura 1:

histórica-social das mulheres, propomos uma atividade chamada “Linha da violência”. A atividade consistiu em deixar os estudantes em uma fileira (um ao lado do outro), com uma fita crepe branca marcando o chão. Foram feitas 7 perguntas e quando as respostas eram “sim” teriam que dar um passo à frente.

As discussões e reflexões tomando como critério os resultados da atividade surgiram ao denominar a linha como a ‘linha da violência’ na qual, geralmente, as meninas estão mais próximas (conforme mostra a Figura 2) a ela devido a condição mais vulnerável das mulheres na sociedade resultado do machismo presente em nossa sociedade. Assim, ficou possível a conceituação e compreensão dos estudantes sobre as discussões de gênero e sexualidade quando pensamos em uma sociedade mais igualitária em direitos e com respeito à diversidade.

Figura 2- Linha da violência



Fonte: acervo da autora

A normalização dos papéis sociais de gênero e sexualidade apareceram no decorrer das falas da maioria das meninas sobre o que escutam em relação ao que delas é esperado e sendo suas obrigações por serem mulheres referentes ao padrão de beleza, roupas mais indicadas para as mulheres, comportamentos, termos atrelados ao seu gênero e, também, capacidades (ou a falta delas) no esporte. Como nas falas:

“Minha mãe quer que eu case”
 “Falam para eu ter uma família, casar e ter filhos”
 “Os meninos não escutam que sua obrigação é fazer os serviços de casa”
 “Temos que ser bonitas”
 “se não tivemos esse padrão de ser bonita somos chamadas de feia e julgadas pela nossa aparência”
 ” Sempre ouvimos que a roupa curta é o motivo do assédio”
 “A minha família sempre fala que quando eu crescer vou casar e ter filhos, mesmo sem saber se é isso mesmo que eu quero”
 “sempre duvidam principalmente quando é futebol, porque os meninos acham que somos ruins.” (Diário de aula 01 e 02)

As verbalizações da maioria dos meninos na dinâmica foram:

“Não sentimos pressão igual as meninas sobre isso”

“Não são só as meninas que sofrem com isso, também escutamos que devemos casar.”

“Elas não têm os mesmos incentivos, tipo assim, não ganham uma bola quando são pequenas, elas ganham bonecas”

“Não escutamos que é a obrigação, mas minha mãe manda lavar a louça e limpar o quarto.”

“Nunca ouvi falar sobre assédio por causa da minha roupa, mas com as meninas já ouvi”

“A mas a gente já joga futebol, por isso que não ouvimos que somos ruins”

“Nós também temos que seguir um padrão de beleza” (Diário de aula 01 e 02).

Entendemos que essas falas dos estudantes estão ancoradas à normalização dos papéis sociais atribuídos aos gêneros e a conceituação de sexualidade, resultado de uma naturalização das condutas esperadas para cada gênero e, a esse, diretamente relacionado à sexualidade. Os estudantes demonstraram que é comum e ‘normal’, que mulheres e homens deverão atender ao cumprimento de certas normas sociais e expectativas relacionadas às profissões, ocupação de espaços e obrigações e às práticas corporais, entre as quais, o esporte.

Pimenta (1986) afirma que os papéis sociais de cada sexo vão sendo cristalizados através da sua institucionalização por identificação de gênero, em que os aspectos culturais traduzem o biológico, legitimando as expectativas para cada gênero. Essa naturalização é um processo de construção sociocultural do que é considerado como masculino ou feminino em determinada sociedade. Scott (1994) explica que os sentidos construídos aos gêneros masculino e feminino:

[...] variam de acordo com as culturas, os grupos sociais e no tempo, já que nada no corpo, incluídos aí os órgãos reprodutivos femininos, determina univocamente como a divisão social será definida. Não podemos ver a diferença sexual a não ser como função de nosso saber sobre o corpo e este saber não é “puro”, não pode ser isolado de suas relações numa ampla gama de contextos discursivos (Scott, 1994, p.13).

Concordamos com a perspectiva de que as diferenças sexuais devam ser consideradas entre os gêneros, porém não é um critério de relação desigual, tendo em vista que atributos atrelados ao feminino é inferiorizado. Scott (1995, p.26) explica o gênero como um saber, uma forma “de significar as relações de poder” dando sentido à “dimensão decisiva da organização da igualdade e desigualdade”.

Sendo assim, as falas dos/as estudantes retratam um cenário social em que as relações de gênero e sexualidade estão permeadas por representações sobre a normalização das práticas para homens e mulheres, sendo assimétricas essas relações. Nota-se certa valorização do gênero

masculino em detrimento do gênero feminino, ao passo que o associado ao feminino é dotado de incapacidade, pressão para assumir espaços considerados de menor relevância social e sanções sobre comportamentos, retratando a superioridade masculina. A superioridade masculina fundamenta o machismo que para Drumontt (1980):

[...]É um sistema de representações simbólicas e tem o efeito de induzir os sujeitos a crer em uma farsa, voltada ao direito, dominação e submissão entre o homem e a mulher; utilizando o argumento e as relações do sexo, para dividir os mesmo em polo dominante e polo dominado, que muitas das vezes é tido numa condição de objeto. (Drummontt, 1980, p.80).

Ainda segundo Drumontt (1980):

[...]O machismo enquanto sistema ideológico oferece modelos de identidade, tanto para o elemento masculino como para o elemento feminino: Desde criança, o menino e a menina entram em determinadas relações, que independem de suas vontades, e que formam suas consciências: por exemplo, o sentimento de superioridade do garoto pelo simples fato de ser macho e em contraposição o de inferioridade da menina (Drummontt, 1980, p.81).

Assim, o machismo é um motivo e agravante das de desigualdades de direitos entre homens e mulheres podendo ser gerador dos diversos tipos de violências, buscamos com os estudantes após a atividade “Linha da violência” trazer reflexões sobre as maneiras de combater o machismo citado nas falas, tendo em vista que essa ação é uma das formas de tratar sobre gênero na Educação Física. O conhecimento sobre o gênero pode favorecer “uma maior flexibilidade quanto às desigualdades nesse domínio e atuar no sentido de as (des)naturalizar” (Nogueira; Saavedra e Costa, 2008, p. 61).

Figura 3 – Discussões sobre o machismo na sociedade



Fonte: acervo da autora

Nesta categoria pudemos abordar e observar de forma significativa o teor conceitual da temática gênero a partir do ponto de vista de uma padronização social inicialmente apresentada pelos/as estudantes. Ao serem problematizadas abrangendo as diferentes discussões elencados ao gênero, como a naturalização dos papéis sociais, o papel da mulher, o machismo, as relações de poder e sexualidade, foi possível desconstruir estereótipos e sexismos, pois os estudantes refletiram sobre formas de atuar na sociedade visando um olhar de equidade.

4.2 Preconceito e Discriminação de gênero

Na categoria ‘Preconceito e Discriminação de gênero’ analisamos o preconceito e a discriminação sobre a temática gênero no decorrer da produção do jornal escolar. Importa lembrarmos que a problemática relacionada a preconceito e discriminação foram os focos das atividades durante as 12 aulas pois, quando tratamos de gênero enquanto conteúdo e objeto de ensino é notório a segregação ou hierarquização de determinados grupos sobre outros, mais discriminados. Portanto essa categoria é transversal às outras.

A partir das análises sobre as aulas da elaboração do jornal, os preconceitos e discriminações suscitadas pelos/as estudantes estão fundamentadas na desigualdade das relações de gênero e, necessariamente, atreladas às relações de poder desigual, sendo as mulheres tratadas como inferiores. Fica evidente ao analisarmos as falas dos estudantes que o preconceito em relação as mulheres são mais presentes, como por exemplo:

“Não só na escola a gente ouve que essas são nossas obrigações.”
 “Sua obrigação são serviços de casa”.
 “Chamam elas de rodada ou coisas piores”
 “As meninas são mais xingadas por isso”
 “Isso aí faz com que pensem que esporte não é de menina”
 “Já ouvi falar que sua roupa é o motivo do assédio”.
 “As meninas não querem fazer os esportes aqui na escola porque elas não se interessam, isso acontece por causa do machismo desde a infância”

“Sexo frágil é para as meninas” (Diários de aula 01 e 02).

Farias, Carvalho e Barroso (2021) explicam que o preconceito que atua em relação ao gênero feminino decorre das interpretações construídas por uma sociedade essencialmente patriarcal e machista, que definiu as mulheres como subordinadas, inferiores e menos qualificadas que os homens. Concordamos com Silva (2010), ao dizer que o preconceito contra as mulheres é algo que está socialmente incorporado e acreditado pela população, bem como que é nele que repousa a discriminação e, conseqüentemente, a origem da violência de gênero e os sexismos nos diferentes âmbitos sociais.

O termo “sexismo” representa o conjunto de preconceitos e discriminações que se baseiam no sexo ou na orientação sexual. Resquício da cultura patriarcal, na sua origem, o sexismo foi compreendido como uma forma de preconceito relacionado a avaliações negativas e atos discriminatórios dirigidos às mulheres, um instrumento utilizado pelo homem para garantir as diferenças de gênero, legitimado por atitudes de desvalorização do sexo feminino (Filho, Eufrásio & Batista, 2011).

Pontuamos que a partir dessa categoria de análise, a relação do preconceito e discriminação nos esportes, para isso retomamos as falas: “Isso aí faz com que pensem que esporte não é de menina” e “As meninas são ruins nos esportes” (Diários de aula 01 e 02) para exemplificar como os sexismos no esporte gera desigualdade.

Historicamente as mulheres tiveram sua inserção no universo esportivo posterior aos homens sendo essa entrada marcada por dificuldades e barreiras com o intuito de desencorajá-las a conquistar esse espaço. Simões (2003) explica que os “estereótipos biológicos sempre colocavam os atletas do sexo masculino com maiores possibilidades de sucesso e acabaram reforçando preconceitos dificultando a jornada das mulheres pelo mundo dos esportes (Simões, 2003, p.17). Adelman (2003) indica que no início do século XX surgiu uma abordagem para a inserção das mulheres no esporte, entendida como uma forma de cuidar do “bem-estar físico das mulheres” consistindo em atividades que geram benefícios à saúde das futuras mães e esposas” (Adelman, 2003, p. 446).

Ao problematizar as discussões das naturalizações dos papéis sociais construídos aos gêneros, Martins (2021) afirma que o incentivo das práticas esportivas eram uma forma de realizar uma melhor preparação para a maternidade, a ideia de que elas teriam que ser fortes para exercerem seu papel social de gerar filhos. Então, o esporte para elas deveria ser adaptado à sua natureza feminina. Goellner (2007) corrobora ao analisar que:

[...] Se é conformação anatômica dos sujeitos aquilo que os define, dentro dessa perspectiva, nada mais “natural” que recomendar aos homens e mulheres diferentes possibilidades de movimentação. A eles a aventura, a potência, o desafio, a força; a elas, a aventura comedida, a potência controlada, a força mensurada, o desafio ameno. Para as mulheres, em grande medida, é incentivado viver o espetáculo esportivo desde que não deixe de lado, por exemplo, a graciosidade, a delicadeza e a beleza, atributos colados a uma suposta “essência feminina”. Argumentos como estes operam como mecanismos de exclusão e inclusão em diferentes modalidades esportivas, posicionam as mulheres, demarcam seus espaços de sociabilidade, pois insistem em afirmar que determinadas atividades não são apropriadas aos seus corpos vistos, grosso modo, como de natureza mais frágil que os corpos dos homens (Goellner, 2007, p. 184-185).

Essa análise sobre a naturalização de papéis masculinos e femininos direcionando-os para os esportes reiteram as diferenças de gênero como um critério de exclusão, tendo em vista que esse cenário ainda está no imaginário social de alguns grupos. Pois as falas dos estudantes já citadas legitimam que no atual cenário da Educação Física em que os esportes ainda são entendidos como determinados para cada gênero e as capacidades das mulheres são colocadas em questão ao se inserirem em um esporte que é supostamente masculino, como por exemplo o futebol.

O futebol é direcionado ao masculino pois é associado ao esforço físico e à virilidade em conformidade a normatividade de gênero. Apesar disso, Teixeira e Caminha (2013) apontam que houve um aumento na participação feminina impulsionada pela realização de competições internacionais como a Copa do Mundo de futebol e a inserção do futebol feminino nas Olimpíadas.

Ressaltamos que a participação feminina no futebol não garante as mesmas condições em que se encontra o futebol masculino, Gabriel e Júnior (2016) afirmam que mesmo ocupando um grande espaço na mídia, o futebol ainda é ao mesmo tempo um dos campos que promove continuamente uma grande desigualdade entre os homens e as mulheres. Goellner (2005) alerta que a mídia esportiva destina pouco espaço ao futebol feminino e quando o faz, geralmente, menciona não tanto os talentos esportivos das atletas, árbitras ou treinadoras, mas a sua imagem e o seu comportamento.

Percebemos em nossa pesquisa essa realidade pois, no grupo de estudantes participantes do jornal escolar apenas uma menina treinava o futebol, representando que apesar da influência recente das mulheres inseridas em campeonatos internacionais ainda há uma lacuna quando comparado ao futebol masculino e a quantidade de adeptos.

A Figura 4 apresenta um momento de problematização da atividade “Linha da violência” em específico sobre os machismos no esporte com o relato de uma estudante.

Figura 4 – Relato da estudante



Fonte: acervo da autora

No decorrer da atividade a estudante Izabela que treinava futebol relatou sua trajetória no mesmo e as principais dificuldades. Os principais pontos que ela abordou foi a falta de meninas da idade dela que jogam, pois não tem equipe feminina, ela treina com os meninos. Outro ponto foi o apoio que possui da sua família, ressaltou que a sociedade fica a questionando sobre ser menina e gostar de futebol, duvidam da sua habilidade no esporte por ser menina. A Izabela relata que: “As pessoas sempre duvidam que eu sei jogar principalmente quando falo que jogo futebol” (Diário de aula 03 e 04).

Destacamos uma fala suscitada por um estudante da turma ao ouvir esse relato: “A Izabela (estudante) sofreu bastante preconceito mais da sociedade”. (Diário de aula 03 e 04).

Essa fala diz sobre o preconceito que a sociedade possui em relação às mulheres no esporte, contribuindo para a pouca inserção e não permanência delas nesse universo. Nesse sentido, Teixeira e Caminha (2013) apontam que as diferentes formas de manifestação de preconceito possuem raízes históricas e culturais, e que o sexismo presente no esporte é um reflexo da estrutura social dicotomizada em relação ao gênero. O trabalho de Brancher et al (2022) em que analisaram os sexismo no futebol feminino, apontam que as principais formas de preconceito são:

[...]a segregação, a exclusão, o cerceamento da mulher em algumas práticas esportivas, a limitação na escolha destas práticas, a erotização do corpo feminino e a vigilância sobre a identidade de gênero das atletas. Assim sendo, foi possível concluir que o mito do sexo frágil, as ideias de incapacidade e incompetência/ feminina e o controle biológico da aparência corporal da mulher são os aspectos sociais e culturais que fundamentam o preconceito e desencorajam a participação das mulheres no futebol. (Brancher et al, 2022, p.77).

Enfim, concordamos com Goellner (2005. P.150) que é necessário pensar o quanto o esporte ainda é para as mulheres “um espaço não apenas para conquistar, mas, sobretudo, a ressignificar alguns dos sentidos que a ele estão incorporados de forma a afirmar que esse espaço é também seu. Um espaço de sociabilidade e de exercício de liberdades.” Para transformar essa realidade, buscamos nas aulas que propuseram o jornal estudantil discutirmos sobre as mulheres no esporte problematizando os sexismos existentes e valorizando o protagonismo feminino esportivo atrelado a realidade dos estudantes.

Destacamos aqui o desenvolvimento da “Linha da violência” e as intervenções sobre as implicações das falas sexistas sobre as mulheres e as mulheres no esporte. Outra atividade foi na elaboração dos roteiros para a criação das notícias do jornal incentivamos a busca pelo protagonismo feminino; outra proposta foi a visita em um box de Crossfit da cidade em que

duas mulheres eram as treinadoras para incentivarem e apresentarem os espaços de liderança em que as mulheres ocupam em um dos cenários profissionais da Educação Física, fizemos uma entrevista com uma atleta de futsal que falou das dificuldades, preconceitos e incentivou as meninas a praticarem esportes.

4.3 Valorização do protagonismo feminino

Na categoria ‘Valorização do protagonismo feminino’ daremos destaque ao papel das mulheres em diferentes atividades. Esse que foi um dos aspectos valorizados pelos estudantes na produção do jornal escolar.

Nas atividades das aulas 03 e 04 foi apresentado a estrutura do jornal impresso e suas características a fim de contextualizar os cadernos que existem em um jornal. Propusemos que os estudantes se organizassem em grupos e decidiram qual seria o caderno que iriam produzir para o jornal escolar. Ficou escolhido os seguintes cadernos: cotidiano, economia, esporte, cultura e opinião. Os grupos temáticos, divididos de acordo com os cadernos do jornal, foram produzidos um cartaz a partir do jornal impresso, relacionando as características dos gêneros textuais jornalísticos aos temas: diversidade, gênero e esporte.

Ao terminarem realizaram apresentações explicando os critérios para a escolha daquele gênero jornalístico e relacionando com o tema do jornal, conforme as figuras abaixo:

Figura 5 - Apresentação do grupo cotidiano



Fonte: acervo da autora

O grupo cotidiano apresentou uma notícia sobre as Olimpíadas de Matemática, em que relataram:

“Essa notícia é do cotidiano porque fala sobre uma Olimpíadas de Matemática que teve no estado de SP, tem a ver com a diversidade porque mostra que as meninas se destacaram muito, isso significa que não existe isso de menina ser mais burra que menino, tudo depende do estudo, então acho isso fala de gênero” (Diários 03 e 04).

Pudemos observar que o grupo fez uma análise que aborda as discussões de gênero englobando uma forma de pensar as atribuições de características para além de uma ideia sexista e reducionista. Segundo Moreno (1999) as normalizações de papéis de gênero alimentam a suposição de que a matemática e as ciências experimentais são “coisa de homem”, porém entendemos que as normatizações de gênero devam ser problematizadas e discutidas para que as escolhas em relação às áreas de conhecimentos sejam permeadas por escolhas pessoais e não generificadas.

O grupo do caderno cultura apresentou sobre uma cantora da cidade que apareceu na televisão:

Figura 6 - Apresentação do grupo cultura



Fonte: acervo da autora

A apresentação consistiu em:

“Achamos uma notícia falando de uma cantora sertanejo daqui da cidade que passou para a segunda fase do “The voice”, acho que não é desse ano a notícia, mas fala da música sertaneja e das mulheres nela e da nossa cidade ainda, então é sobre gênero”. (Diários de aula 03 e 04).

Essa notícia apresentada considera o protagonismo feminino no cenário de músicas sertanejas, pois mostra a mulher se destacando em um espaço considerado machista. Da Silva (2021) apresenta que a conquista das mulheres na música sertaneja emergiu o termo ‘feminejo’, que vem sendo utilizado para designar um lugar de fala das cantoras ou lugar social das mulheres dentro do sertanejo. O autor afirma que devido às raízes do sertanejo ser na música caipira, ela possui um domínio do olhar masculino sobre o feminino em que muitas vezes a mulher era retratada como submissa ao marido, como objeto sexual, sem uma fala a partir de um olhar feminino.

Portanto, o protagonismo feminino aqui retratado pelos/as estudantes é entendido como uma conquista feminina em espaços considerados machistas, fazendo parte das discussões de gênero.

O grupo da economia apresentou uma notícia sobre os gastos da prefeitura:

Figura 7 - Apresentação grupo economia



Fonte: acervo da autora

A explicação da notícia encontrada foi: “Sobre economia achamos quanto a prefeitura gastou no último trimestre, tava escrito prestação de contas, mas não tinha nada a ver com gênero ou diversidade, no jornal aqui da cidade não tem nada falando.” (Diário de aula 03 e 04).

Entendemos assim como o grupo que não possui relação com gênero, esporte ou diversidade, entretanto sugerimos para o grupo apresentar uma notícia fictícia que abrangesse a temática proposta. Propuseram o seguinte:

“Em nossa cidade foi investido na prefeitura 20 mil reais para contratação de treinadores de futebol para times femininos, terão que montar um treinamento para as meninas de várias categorias, para incentivarem a terem habilidades para ganharem várias competições desde o sub 07 até a categoria adulta”. (Diário de aula 03 e 04).

Os/as estudantes explicaram que trataria de gênero, esporte e economia pois teria um dinheiro investido para as meninas serem incentivadas a jogarem futebol em nome da cidade.

Nesse sentido concordamos com a análise deles/as, pois uma das maneiras de ocorrer a inserção feminina no esporte é o incentivo desde de criança para a realização das atividades, Azeredo (2022) afirma que a iniciação esportiva acontece no momento em que suas atividades são vivenciadas como uma ação cotidiana, praticando-as com muita frequência no seu dia-dia.

A autora identifica que deve ser um treinamento planejado e organizado em longo prazo, com o objetivo de gradualmente ter o aumento do rendimento, além de participação em competições esportivas. Balardin (2018) corrobora com o incentivo à prática do futebol

feminino em escolinhas de treinamento, que visam evitar as desistências e criam o sentimento que o futebol seja dominado pelas mulheres para que cresçam as chances de atuarem no âmbito profissional.

Já o grupo Esporte apresentou sobre a uma notícia do futebol amador da cidade:

Figura 8 - Apresentação do grupo esporte



Fonte: acervo da autora

Durante a apresentação o grupo relatou que:

“A notícia que achamos foi sobre o futebol amador na cidade, mas tem só o masculino, então não fala das mulheres, isso quer dizer que não existe aqui na cidade um campeonato das mulheres igual é dos homens, então acho que fala de gênero” (Diário de aula 03 e 04).

A ausência de competição feminina no futebol local da cidade foi analisada pelo grupo esporte como uma forma de discutir gênero, essa abordagem retrata um cenário de desigualdade de gênero no futebol, pois para Devide (2005) a determinação biológica fundamenta o imaginário de separação das atividades sociais de homens e mulheres, assegurando um menor alcance para elas, principalmente nos esportes.

O grupo opinião apresentou um artigo de opinião sobre mudanças climáticas: “Não achamos nenhum artigo de opinião que fala de gênero ou diversidade nesse jornal, só sobre mudanças climáticas”. (Diários de aula 03 e 04).

Figura 9 -Apresentação grupo do caderno opinião



Fonte: acervo da autora

Propusemos ao grupo de artigo de opinião a proposta semelhante ao grupo da economia, em que tiveram que criar uma notícia fictícia relacionando artigo de opinião com gênero e esporte. A proposta do grupo consistiu em: “Um artigo de opinião que fala sobre não existir nas Olimpíadas a Ginástica Rítmica para os homens, isso seria um tipo de machismo, porque entende que os homens não devam fazer essa Ginástica que seria apenas de mulher”. (Diários de aula 03 e 04).

O grupo apresentou uma discussão que atrela a temática gênero e esporte dentro do artigo de opinião, trazendo a discussão da estigmatização das feminilidades e masculinidades. Kikuti (2022) apresenta que a estigmatização da Ginástica Rítmica ocorre pelo fato de ter estabelecido entre o que é ser masculino e o que é ser feminino, para o feminino é a busca por expressões delicadas, mesmo com a introdução de elementos acrobáticos e de força prevalece a ideia da feminilidade na Ginástica. Desse modo entende-se que não seria ‘adequado’ para o público masculino.

Essa problematização do que é considerado masculino e feminino nas práticas corporais é presente nas aulas de Educação Física em que buscamos superar essa ideia e adotar a perspectiva de que todos/as devam fazer todas as práticas.

Por meio das apresentações dos grupos foi possível percebermos que a temática do jornal (diversidade, gênero e esporte) foi consolidada dado às informações coletadas e apresentadas, mesmo quando não encontraram no caderno tiveram a oportunidade de criar uma notícia fictícia sobre o gênero jornalístico do caderno relacionando com gênero, esporte e diversidade. Pudemos observar que o protagonismo da mulher foi o assunto mais elencado pelos/as estudantes seja problematizando as normalizações sociais, esportivas ou valorizando a mulher em diversos cenários.

A categoria “Valorização do protagonismo feminino” foi identificada nos Diários de aula 05 e 06 em que priorizamos a roteirização dos cadernos do jornal. Nesta etapa os/as

estudantes deveriam escrever o que seria produzido por aquele grupo, atrelando gênero esporte e diversidade a essas produções jornalísticas.

O grupo da economia, cultura e cotidiano apontaram nos roteiros propostas relacionadas com o protagonismo feminino, porém não contemplaram o esporte, ao serem indagados sobre apresentarem o tema esporte nos referidos cadernos justificaram que gostariam de produzir sobre os acontecimentos da escola atrelados com a temática gênero. Apresentando as seguintes falas:

“Não queremos falar das mulheres que não conhecemos, queremos falar das coisas que existem na escola, algo que vemos todos os dias acontecer mesmo não tendo o esporte”.

“Queremos valorizar que nossa escola só tem mulheres na coordenação e direção, elas que mexem com o dinheiro e queremos saber como elas fazem isso, por que não falta nenhum material para gente.”

“Queremos saber da cultura que é feita aqui na escola”

“As notícias que acontecem dia-a-dia também é cotidiano, e tem a ver com a escola e gênero também, gostaríamos de falar disso”. (Diários de aula 05 e 06).

Avaliamos que essa perspectiva em que os/as estudantes elucidam seu ponto de vista com justificativas respaldadas na valorização da mulher e optam por escreverem sobre elas mesmo que fuja do tema esporte é uma maneira de compreendermos o protagonismo deles/as, segundo Silva (2009, p. 3), “[...]o protagonismo é uma relação dinâmica entre formação, conhecimento, participação, responsabilização e criatividade como mecanismo de fortalecimento da perspectiva de educar para a cidadania [...]”.

Nessa perspectiva, Costa e Vieira (2000, p. 139) completam dizendo que “os adolescentes, além de portadores de entusiasmo e de vitalidade para a ação, são dotados também de pensamento e de palavras”. Portanto, ao respeitarmos o que os estudantes pensam, escolhem, falam e fazem é uma iniciativa fundamental para o desenvolvimento da sua autonomia. Atuando na construção da autonomia decidimos respeitar a escolha dos grupos.

O caderno do esporte elencou no roteiro uma visita para uma academia, sugerimos conhecermos um box de Crossfit em que uma atleta que também era do futsal atuava como treinadora. O grupo concordou e as falas para o roteiro foram:

“Vamos escrever sobre a nossa visita, porque vamos praticar um esporte que as mulheres não são consideradas fracas”

“É importante fazer a notícia desta visita, porque vai mostrar mulheres dando aula e também sobre o preconceito no esporte, em que elas sofreram.” (Diários de aula 05 e 06).

O caderno cotidiano, elencou uma relação entre meninas e meninos da escola, tratando sobre a contagem e descobrir qual a quantidade entre os gêneros. Justificaram com a fala: “Não achamos que as meninas são superiores, estamos fazendo essa contagem apenas para ver quanto tem de meninas e meninos”. (Diários de aula 05 e 06).

O caderno da cultura roteirizou sobre os destaques da escola, propondo uma entrevista com a coordenadora para saber a opinião de uma mulher que está a frente da coordenação sobre o desempenho acadêmico dos estudantes. Percebemos que assim como o caderno da economia não teve relação com o esporte, porém os/as estudantes disseram que gostariam de fazer com a coordenação e decidimos respeitar o protagonismo juvenil respaldado em um dos temas do jornal o protagonismo feminino.

O grupo explicou: “Queremos saber o que a coordenadora acha sobre os destaques dos/as estudantes no bimestre, como isso é visto pela escola” e “Queremos conversar com ela para saber como ela criou essa ideia de premiar quem se dedica mais no bimestre”. (Diário de aulas 05 e 06).

O caderno artigo de opinião roteirizou sobre a falta da participação das meninas nos eventos esportivos da escola e verbalizaram: “Não tem nenhum time de meninas nos esportes, isso me incomoda muito”. “As meninas não montam os times para fazerem o campeonato esportivo da escola, sempre tem os times dos meninos, queremos saber mais sobre isso” (Diários 05 e 06).

Nos Diários de aula 07 e 08 os/as estudantes fizeram a coleta de dados das entrevistas propostas nos roteiros e visitaram o box de Crossfit, onde puderam vivenciar uma aula ministrada por duas professoras, como mostra a figura abaixo:

Figura 10 - Aula de Crossfit



Fonte: acervo da autora

Após a aula os/as estudantes tiveram a oportunidade de conversarem com elas sobre a trajetória no Crossfit e com uma das meninas sobre a trajetória no futsal, pois ela era atleta da cidade. Nesse momento tiraram diversas dúvidas principalmente sobre o preconceito que enfrentam, como, por exemplo: assédio, dificuldades e alguns dos principais desafios enfrentados em suas trajetórias. Essa conversa aconteceu conforme mostra a Figura 9:

Figura 11 - Conversa com as professoras do Crossfit



Fonte: acervo da autora

Sobre esse passeio e a conversa com as professoras no Crossfit percebemos que os comentários dos/as estudantes eram valorizando as mulheres, segundo eles/as:

“Eu já conhecia uma das professoras, como eu jogo bola também me inspiro nela, por ter conseguido jogar e não ligar para a opinião dos outros”
 “Achei muito legal ver como elas são fortes e dão aula super bem”
 “Até comecei a me interessar por fazer alguma atividade agora”
 “Adorei ver como elas são inteligentes e conseguem fazer aquele monte de coisa na barra também”. (Diários de aulas 07 e 08).

Ao verem, experimentarem e conversarem com mulheres à frente de um esporte - principalmente as meninas - visualizaram que é possível a inserção delas nesse espaço, Nunes (2022) afirma que uma das maneiras de incentivar as meninas a entrarem no esporte e criar um programa de esporte efetivo e atrativo para elas, voltados para os desafios que enfrentam e os obstáculos para a permanência. Então essa ação de visitar um box de Crossfit e conversar com uma atleta de futsal deve ser vista como uma forma de despertar o interesse pelo esporte principalmente nas meninas.

Pontuamos que nos Diário de aulas 11 e 12 em que apresentaram as produções do jornal escolar para todos/as da escola, identificamos a valorização do protagonismo feminino tanto nas produções como nas apresentações. O grupo cotidiano apresentou a notícia:

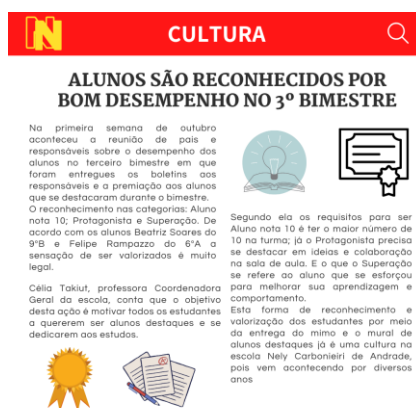
Figura 12- Notícia do caderno cotidiano



Durante a apresentação o grupo verbalizou sobre essa notícia ter um caráter de quantificar quantos/as estudantes a instituição possui sem a ideia de hierarquizar os gêneros.

O caderno de cultura noticiou sobre o reconhecimento do desempenho dos/as estudantes no bimestre:

Figura 13 - Notícia do caderno cultura



As apresentações resultaram na valorização de quem teve o desempenho premiado, mas também sobre o processo em que o grupo fez para a construção da notícia, verbalizando que era sobre gênero a notícia porque a coordenação é composta por mulheres e uma delas teve a iniciativa de implementar essa ação que motivou os/as estudantes.

O grupo da economia apresentou duas notícias, uma sobre a cantina gerenciada por uma mulher e outra sobre a organização do dinheiro da escola com a diretora:

Figura 14 - Notícia sobre a cantina escolar



Fonte: acervo da autora

A apresentação teve a justificativa do protagonismo feminino ao explicarem que optaram por fazer sobre o sucesso da cantina escolar gerenciada por uma mulher que conheciam.

Figura 15- Notícia sobre a organização do dinheiro da escola



Fonte: acervo da autora

Segundo o grupo, a valorização feminina está presente ao ser uma mulher, a diretora, que organiza o dinheiro da escola e de uma maneira que não falta nenhum material para eles/as.

O grupo do caderno esporte apresentou duas notícias sobre a visita ao box de Crossfit.

Figura 16 - Notícia 1 da visita ao Crossfit



Fonte: acervo da autora

Figura 17 - Notícia 2 da visita ao box de Crossfit



Fonte: acervo da autora

A apresentação valorizou as mulheres pois relataram sobre a importância de reconhecerem o futebol feminino distante do preconceito e opressão, verbalizam também sobre o incentivo das professoras tomando a frente dos treinos no box de Crossfit.

O grupo do artigo de opinião escreveu sobre a inclusão das mulheres no esporte na escola:

Figura 18 - Artigo de opinião sobre as meninas no esporte.



Fonte: acervo da autora

A apresentação destacou elementos sobre a importância das meninas estarem incluídas nos eventos esportivos da escola e as causas dessa falta de interesse, propondo uma mudança nessa realidade da escola, contribuindo para a valorização do protagonismo feminino.

Por muito tempo a construção do universo feminino foi baseado na submissão ao homem e na fragilidade, fato esse que adentra no imaginário popular, levando-nos a crer que a mulher é um ser frágil, e por isso não deve praticar modalidades que requerem o uso da força, se estendendo a outras práticas. Notamos que a partir dessa proposição pedagógica do jornal escolar sobre gênero e esporte os/as estudantes superaram estigmas e avançaram na construção do conhecimento sobre as diversidades.

É notório também que foi possível contribuir para a vida acadêmica, interesse pelos assuntos da escola, formação humana, pois no decorrer das apresentações dos cadernos, os/as estudantes verbalizam o processo para chegar até a finalização do jornal, ressaltando as questões de gênero imbricadas ao esporte e a importância desse tema na escola (protagonismo feminino) e nas aulas de Educação Física.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para essa etapa final, vamos apresentar a retomada do objetivo que foi analisar a temática gênero no processo de ensino-aprendizagem do esporte a partir da construção e proposição de um jornal estudantil junto às turmas de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental, articulando os resultados que encontramos e as reflexões realizadas no decorrer da pesquisa.

Os dados apresentados revelam que o tratamento da temática gênero nas aulas de Educação Física possibilitou desnaturalizar estereótipos, preconceitos e exclusões principalmente nos esportes. Corroborando com Goellner (2010, p.77), ao compreender os sujeitos de maneira plural sendo essa pluralidade valorizada e aceita, ou seja, é necessário rejeitar os “rótulos que aprisionam, engessam e fixam os sujeitos,” Pois ao adotarmos essa prática no ensino dos esportes propiciamos a aprendizagem e o exercício da liberdade “constituindo-se como sujeitos sociais”.

Ao adotarmos a pesquisa intervenção tivemos a possibilidade de atuar como professora pesquisadora para analisar os dados coletados no decorrer de doze aulas propostas para a produção de um jornal escolar sobre gênero e esporte. O instrumento de análise foi o diário de aulas com os registros das aulas, falas, ações e produções pertinentes dos/as estudantes relacionando com a temática do jornal escolar.

A análise foi permeada na Análise do Conteúdo Categorical proposta por Bardin (2004), no qual emergiram três categorias, são elas: a) Normalização dos papéis sociais e de gênero; b) Preconceito e discriminação de gênero e c) Protagonismo feminino.

A primeira categoria de análise identificou e analisou as normalizações dos papéis sociais atribuídos aos gêneros. As verbalizações apresentadas pelos/as estudantes padronizavam socialmente os comportamentos, ações, vestimentas, práticas corporais entendidas como natural para cada gênero, enfatizamos que a hierarquização com base no gênero é permeada pelas relações de poder em que o feminino é inferiorizado. Ao ser pautado essa noção de submissão cultural-social-historicamente construída como uma forma de privilegiar um grupo em detrimento de outro, foi possível ampliar os conhecimentos dos/as estudantes sobre a atuação na sociedade visando a equidade de gênero.

Na segunda categoria de análise compreendemos que o preconceito e a discriminação de gênero estiveram presentes no decorrer da produção do jornal, seja por meio de falas ou ações dos/as educandos. Inicialmente eles/as não identificaram que estavam utilizando pensamentos e falas sexistas, para que identificassem propusemos a atividade “Linha da violência” em que problematizou principalmente o machismo e as formas que esse tipo de

pensamento é gerador de desigualdade. Após compreendido isso buscamos alternativas para combater essas ideias sexistas.

A terceira categoria analisou a valorização do protagonismo feminino pois foi um dos aspectos identificados pelos/as estudantes ao proporem os temas das produções dos gêneros jornalísticos.

A valorização das mulheres ocorreu em todos os cadernos do jornal escolar, mesmo que a temática esporte não tenha sido abordada no caderno da cultura, economia e do cotidiano, entendemos que os/as estudantes possuem autonomia para a escolha das suas produções, tendo em vista que os grupos justificaram a não relação com o esporte devido a escolha por produzirem as notícias sobre o protagonismo feminino das mulheres da escola que se relacionam com a economia, cultura e cotidiano.

Respondendo ao problema do estudo, analisando os dados obtidos concluímos que o diferencial didático apresentado, por meio da proposta pedagógica e a construção do jornal escolar, propiciou a aprendizagem dos conhecimentos, tendo em vista a produção do jornal, a forma que discutiram, escreveram e apresentaram a temática de gênero e o esporte,

Entendemos que nosso diferencial didático contemplou a valorização das diferenças, o respeito, a justiça social, pela forma em que a temática gênero foi problematizada, consideramos que essa proposição pedagógica não apenas reconheça as diferenças, mas segundo Magalhães e Zimmermann (2019), buscam conflitos gerados por essas diferenças, promovendo não apenas a convivência entre elas, mas o entendimento das causas destas, colaborando assim, para valorização humana e a construção da democracia plena na sociedade.

Consideramos que a proposta desenvolvida nesta dissertação de mestrado profissional possa contribuir para o trabalho dos/as professores/as de Educação Física, pois ao promover reflexões sobre a temática gênero nas aulas de Educação física e no esporte com o objetivo de problematizar os espaços ocupados por homens e mulheres é uma ação que caminha em direção ao combate aos preconceitos e discriminações.

Apesar da pesquisa que desenvolvemos ter abordado o esporte e gênero por meio de uma produção do jornal escolar, consideramos que o ensino do esporte pode ser aprofundado de outras maneiras, por meio de outras propostas pedagógicas que contemplem situações de jogo, reorganização de regras, entre outros. Apresentamos também que outras proposições didáticas com outros conteúdos seriam pertinentes ser produzido, como as Ginásticas, Danças, Lutas, Práticas Corporais de Aventura e Jogos e Brincadeiras, para que a temática gênero seja amplamente discutida.

Por fim, ressalto que o meu contato com os estudos de gênero na Educação Física

possibilitou um crescimento pessoal, político e social da minha atuação docente, me fez repensar se minhas ações estavam contribuindo para que os/as estudantes mudassem a forma de pensar, de se posicionar frente aos sexismos e preconceitos direcionados as desigualdades de gênero e se contribui para que as meninas compreendessem que seu lugar também está nas práticas corporais.

Defendemos que apesar da realidade em que cada escola se encontra em relação a Educação Física, a atuação docente deverá caminhar para a desnaturalização dos preconceitos de gênero, com a problematização dessa temática ao longo da escolarização, concluímos que esse trabalho enriquece a Educação Física ao entendimento do ensino do esporte e que tratar de gênero é uma das inúmeras maneiras de lutar para a mudança no quadro de violência, preconceitos e estigmatização.

REFERÊNCIAS

- ADASS, S.. **PROPOSTA DE ENSINO DO CONTEÚDO GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ENSINO FUNDAMENTAL**. Monografia. Curso de Especialização em Educação Física na Educação Básica - Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2021.
- ADELMAN, M. **Mulheres atletas**: re-significações da corporalidade feminina. Estudos Feministas, Florianópolis, 11(2): 360, p. 445-465.
- ALTMANN, H. **Rompendo fronteiras de gênero**: Marias (e) homens na Educação Física. 1998.
- ALMEIDA, R. de. **A onda quebrada** - evangélicos e conservadorismo. Dossiê Conservadorismo, Direitos, Moralidades e Violência. Cadernos Pagu. Campinas, 50, 2017.
- ALVES, C. O. **Empoderamento de mulheres negras e política nacional de assistência social**: mecanismos e diretrizes para intervenções. 2023.
- ANADON, M; MACHADO, P. B. **Reflexões teórico-metodológicas sobre as representações sociais**. Senhor do Bonfim: Eduneb, 2011.
- ANDRÉ, K. da S. C. **Projeto Jornal na Escola e as mídias sociais**. MOSAICO, v. 20, n. 1, 2022
- ARAÚJO, K. de T. **REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO SOBRE A PRÁTICA DO FUTEBOL POR MULHERES**: intersecções entre gênero, corpo e sexualidade. 218 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientadora: Geiva Carolina Calsa. Maringá, 2015
- AZEREDO, A. S. **A iniciação esportiva em futebol para meninas**. 2023.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3 ed. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2004.p.190
- BARREIRO, A. et al. **Ideologia de gênero?** Notas para um debate de políticas e violências institucionais. Temáticas, n. 47/48, 2018.
- BALARDIN, G. F. et al. **Futebol feminino no brasil e nos estados unidos**: semelhanças e diferenças no esporte. Revista Brasileira de Futsal e Futebol. v.10. n.36. p.101- 109. São Paulo, 2018.
- BENTO, J. O. **Desporto**: discurso e substância. Porto: Campo das Letras, 2004.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: Educação é a Base. Brasília: MEC, 2018(3ª versão).
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7960_1-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=3_0192

BRANCHER, E. A. et al. **Futebol feminino, identidade de gênero e sexismo**. RBFF-Revista Brasileira de Futsal e Futebol, v. 14, n. 57, p. 72-80, 2022.

BONINI, A. **Jornal escolar: gêneros e letramento midiático no ensino-aprendizagem de linguagem**. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 11, p. 149-175, 2011.

BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990

BUTLER, J. P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003, p.163

CALDEIRA, M. C. (Orgs.). **Pesquisas sobre currículos, gênero e sexualidades**. Belo Horizonte: Mazza, 2018. p. 23-52.

CANEN, A; MOREIRA, A. F. B. **Reflexões sobre o multiculturalismo na escola e na formação docente: ênfases e omissões no currículo**, p. 15, 2001.

COLLINS, P. H. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Boitempo editorial, 2019.

COLLING, A M; TEDESCHI, L. A. **Dicionário crítico de gênero**. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.

COLLINS, P. H. **Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória**. Parágrafo, v. 5, n. 1, p. 6-17, jun. 2017.

COLLING, L. **Gênero e sexualidade na atualidade**. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação à Distância. 2018

CARDOSO, L. R. et al. **Gênero em Políticas Públicas de Educação e Currículo: do direito às invenções**. Revista e-curriculum, v. 17, n. 4, p. 1458-1479, 2019.

CARVALHO, M. E. P. de. **Pierre Bourdieu sobre gênero e educação**. Revista Ártemis, v. 1, 2004

CHARTIER, R. **A visão do historiador modernista**. In. AMADO, J. e FERREIRA, M. M. (orgs.). Usos & abusos da história oral, v. 8, 2006.

CONNELL, R. W. **Sexo e Poder**. Cambridge: Polity Press, 1987

COSTA, M. C; FELTRIN, R. B. **Desafios da interseccionalidade em gênero, ciência e tecnologia**. cadernos pagu, p. e164718, 2016.

COSTA, A. C. G.; VIEIRA, M. A. **Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática**. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.

CRUZ, L. E. de M. P., BARRETO, M. L. da S., & DAZZANI, M. V. M. **Do gênero aos papéis sociais: a construção da identidade da pessoa transexual**. Interfaces Científicas- Educação, 2020.

CUTTER, S. L. **A ciência da vulnerabilidade: modelos, métodos e indicadores.** Revista Crítica de Ciências Sociais, 93, 59-69, 2011.

DA SILVA, M.M. A. **FEMINISMO NEGRO: contribuições ao debate interseccional nas dimensões de gênero, raça e classe.** SEMINÁRIO FAZENDO GÊNERO, v. 12, p. 1-12, 2021.

DAOLIO, J. **A construção cultural do corpo feminino, ou o risco de transformar meninas em 'antas'.** In: ROMERO, E. (Org.). Corpo, mulher e sociedade. Campinas: Papirus, 1995.

DA SILVA VIEIRA, S.; ABRANCHES, S. **O Jornal Escolar e sua importância no processo de construção de saberes discentes.** Revista Sapiência: sociedade, saberes e práticas educacionais (2238-3565), v. 6, n. 1, p. 109-126, 2017.

DA SILVA, R. D. G. **Um olhar feminino na música sertaneja: aspectos do discurso e dos valores do feminino.** Brazilian Journal of Development, v. 7, n. 2, p. 18616-18628, 2021.

DEVIDE, F. P. **Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos.** Ijuí: UNIJUÍ, 2005.

DE FARIA, W. F. M. **O currículo em ação da Educação Física: contribuições para a discussão de gênero no contexto escolar.** 2017.

DE MATOS, A. P. **Discursos ultraconservadores e o truque da "ideologia de gênero": gênero e sexualidades em disputa na educação.** Revista Psicologia Política, v. 18, n. 43, p. 573-586, 2018.

DE SOUZA JÚNIOR, O. M; DARIDO, S. C. **A prática do futebol feminino no ensino fundamental.** Motriz. Journal of Physical Education. UNESP, v. 8, n. 1, p. 01-09, 2002.

DE JESUS, E. G. **Mulheres, Raça e Classe: a proposta interseccional de Angela Davis.** Manuscrita: Revista de Crítica Genética, n. 47, p. 229-231, 2022.

DE CARVALHO, R. V; DE OLIVEIRA SILVA, L. F.; LAGE, A. C. **Pensando um currículo escolar queer mestiço: as contribuições da teoria queer articulada a metodologia interseccional.** Diversidade e Educação, v. 10, n. 2, p. 186-212, 2022

DOS SANTOS, F. K. L; DO NASCIMENTO, E. F. **Educação Transgressora no Espaço Escolar: Considerações sobre Corpo em uma Perspectiva Interseccional.** Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero, v. 12, n. 2, p. 6-18, 2021.

DRUMONTT, M. P. **Elementos Para Uma Análise do Machismo.** Perspectivas, São Paulo, 3: 81-85, 1980.

FARDO, M. L. **A gamificação como estratégia pedagógica: estudo de elementos dos games aplicados em processos de ensino e aprendizagem.** 2013.

FARIAS, A. A. ; CARVALHO, M. G.; BARROSO, M. L. **Preconceito e discriminação: Um estudo sobre as principais vertentes da violência de gênero.** Amadeus International Multidisciplinary Journal, v. 5, n. 10, p. 20-36, 2021.

FINCO, D. **Encontro com as diferenças na educação infantil: meninos e meninas nas fronteiras de gênero.** Leitura: Teoria e Prática, v. 31, n. 61, p. 169-184, 2013.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 4ª ed. Org. e trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FORMIGA, G. C. B; FELDENS, D. G; ARDITTI, R. G. **Feminismos interseccionais: problematizando o sujeito do feminismo**. Revista Brasileira de Educação, v. 28, p. e280086, 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 47ª ed - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREITAS, M. A. S. **Práxis pedagógica e professores intelectuais: refletindo as tensões e concepções da formação**. v. 1, n. 1, p. 135-150, 2005.

GARCIA, C. C. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2011.

GABRIEL, B. J.; FREITAS JÚNIOR, M. A. **O discurso acerca da seleção brasileira presente na Folha de S. Paulo durante o ano de realização da “Germany World Cup”**. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte. Vol. 30. Núm. 2. p. 371-383. 2016.

GOELLNER, S. V. **Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades**. Rev. Bras. Educ. Fís. Esp., São Paulo, v. 19, n. 2, p.143-151, abr./jun. 2005

GOELLNER, S. V. **Feminismos, mulheres e esportes : q u e s t ã o s** epistemológicas sobre o fazer historiográfico. Movimento, Porto Alegre, v.13, n. 02, p.171- 196, 2007.

GOELLNER, S. V.; REPPOLD FILHO, A. R.; FRAGA, A. B.; MAZO, J. Z. *et al.* **Pesquisa qualitativa na educação física brasileira: marco teórico e modos de usar**. Journal of Physical Education, 21, n. 3, p. 381-410, 2010.

GOELLNER, S. V. **A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade**. Caderno de formação RBCE, p. 23, março de 2010.

GOMES, C. de M. **Gênero como categoria de análise decolonial**. Civitas-Revista de Ciências Sociais, v. 18, p. 65-82, 2018.

GOMES, J. **Formação Continuada do Professor de Educação Física e a Construção de Práticas Pedagógicas Multiculturalmente Orientadas**. Motrivivência, [S. l.], v. 20, n. 31, p. 192–206, 2010.

GOMES, L. F.. **Redes sociais e escola: o que temos que aprender**, 2016.

GÜNTHER, H. **Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão**. Psicologia: teoria e pesquisa, v. 22, n. 2, p. 201-210, 2006.

HENRIQUES, R.; et.al. **Gênero e Diversidade Sexual na Escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos**. Brasília, maio de 2007. Secad/MEC (Caderno)

HIRATA, H. **Gênero, classe e raça. Tempo Social**. São Paulo, vol. 26, n. 1, p. 61- 73, 2014.

HYPOLITO, Á. M. **Trabalho docente, classe social e relações de gênero**. Editora Oikos, 2020

JAEGER, A; GOELLNER, S.V. **O músculo estraga a mulher?** A produção de feminilidades no fisiculturismo. Estudos Feministas, Florianópolis, v.19, n.3 p. 955-975, setdez, 2011.

KIKUTI, T. L. A. **Homens na ginástica rítmica:** percorrendo ideias, ideais e possibilidades. 2022. Tese de Doutorado.

LINS, B.A.; MACHADO, B. F; ESCOURA, M. **Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola.** Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2016.

LOURO, G. L. O currículo e as diferenças sexuais e de gênero. In: COSTA, M. V. (Org.). **O currículo nos limiares do contemporâneo.** 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1995.

LOURO, G. L. Corpos que escapam. **Estudos feministas**, v. 4, n. 4, 2003.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia Científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2005. P. 269

MACHADO, L. Z. **Gênero, um novo paradigma?.** cadernos pagu, 2013.

MAGALHÃES E. A, ZIMMERMANN M. A. **O espaço escolar e o controle dos corpos:** A prática esportiva como práxis de libertação, desalienação e aprendizagem. *Olimpianos – Journal of Olympic Studies*. 2019; 3: 1-12.

MALTA, R. B; DE OLIVEIRA, L. T. B. **Enegrecendo as redes:** o ativismo de mulheres negras no espaço virtual. *Revista Gênero*, v. 16, n. 2, 2016.

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MAROUN, K. **Ginástica Geral e Educação Física Escolar:** uma possibilidade de intervenção pautada na diversidade cultural. *Revista Contemporânea de Educação*, v. 10, n. 19, p. 40-54, 2015.

MARTINS, I. M. **Barreiras e dificuldades encontradas por mulheres para a prática do futebol.** 2021. 19f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2021.

MARCINIK, G. G; MATTOS, A. R. **‘Mais branca que eu?’:** uma análise interseccional da branquitude nos feminismos. *Revista Estudos Feministas*, v. 29, n. 1, p. e61749, 2021.

MARQUES, R. F. R; GUTIERREZ, G. L; DE ALMEIDA, M. A. B. **O esporte contemporâneo e o modelo de concepção das formas de manifestação do esporte.** *Conexões*, v. 6, n. 2, p. 42-61, 2008.

MARTINS, A. P. A. **O Sujeito" nas ondas" do Feminismo e o lugar do corpo na contemporaneidade.** *Revista Café com Sociologia*, v. 4, n. 1, p. 231-245, 2015.

MELO, D. L. S. **A importância da perspectiva interseccional para contribuir com a análise crítica do assistente social.** 2022. Trabalho de Conclusão de Curso.

MILLET, K. **Sexual Politics.** Doubleday & Company, Inc., Nova Iorque. Tradução Alice

Sampaio, Gisela da Conceição e Manuela Torres. Lisboa: Dom Quixote, 1971

MIGUEL, L. F. **Da “doutrinação marxista” à “ideologia de gênero”** - Escola Sem Partido e as leis da mordada no parlamento brasileiro. Revista Direito & Praxis. Rio de Janeiro, Vol. 07, N. 15, 2016.

MORENO, M. **Ciência e ensino**. In: MORENO, Montserrat; SASTRE, Genoveva, et al. Temas transversais em educação: bases para uma formação integral. São Paulo: Moderna, 1998. p. 21

MOSQUERA ANDRADE, G. P. **Educação intercultural no componente curricular da educação física como intervenção ao fenômeno do multiculturalismo**: presença da matriz africana. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2023.

MOTA, L. B. C. **Participação de meninas nas aulas de educação física no ensino fundamental II**: o futebol. 2022.

MOULAZ, J. M. et al. **Relações entre o multiculturalismo, a inclusão e a Educação Física**. Research, Society and Development, v. 11, n. 14, 2022.

NASCIMENTO, J. V. et al. **Fatores que geram a não participação dos alunos nas aulas de educação física**. Física, v. 5, n. 1, p. 329-336, 2007.

NEIRA, M.G. **A abordagem das diferenças no currículo cultural da Educação Física**. Humanidades & Inovações, Palmas, v.7, 2020.

NEIRA, M. G. **O multiculturalismo crítico e suas contribuições para o currículo da educação física**. Temas em Educação Física escolar, v. 1, n. 1, 2016.

NEIRA, M. G; GRAMORELLI, L. C. **Embates em torno do conceito de cultura corporal**: gênese e transformações. Pensar a Prática, v. 20, n. 2, 2017

NEIRA, M. G. **Os conteúdos no currículo cultural da Educação Física e a valorização das diferenças**: análises da prática pedagógica. Revista e-Curriculum, v. 18, n. 2, p. 827-846, 2020.

NOGUEIRA, M. M. B. **Empoderamento das mulheres negras**: cultura, tradição e protagonismo de dona dió do acarajé na “lavagem do beco”. Revista Mosaico-Revista de História, v. 10, p. 174-190, 2017.

NOGUEIRA, C.; NEVES, S.; BARBOSA, C. **Fundamentos construcionistas sociais e críticos para o estudo do gênero**. 2005

NUNES, H. C. B. **O jogo da identidade e diferença no currículo cultural da Educação Física**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2018

NUNES, L. M. **Jornalismo independente e cobertura de violência de gênero**: o caso Mari Ferrer pelo Portal Catarinas e The Intercept Brasil. 2022.

OLIVEIRA, D. C. de; GOMES, A. M. T.; PONTES, A. P. M. de; SALGADO, L. P. P. **A representação social da sexualidade entre adolescentes**. Esc Anna Nery Revista de Enfermagem, 2011

OLIVEIRA, D. R. **Fatores que favorecem e/ou dificultam a prática de esportes por meninas nas aulas de educação física.** 2023.

OSBORN, A. **O Poder Criador da Mente:** princípios e processos do pensamento criador e do “brainstorming”. Traduzido por E. Jacy Monteiro. São Paulo: Ibrasa editora. 1987.

PAES, D. A. E. R. **JORNAL ESCOLAR DO IFNMG, FOLHA PORTEIRINHA.** In: IFIntegra, Anais eletrônicos, 2023.

PARAÍSO, M. A. **Fazer do caos uma estrela dançarina no currículo:** invenção política com gênero e sexualidade em tempos do slogan “ideologia de gênero”. Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades. Belo Horizonte: Mazza Edições, p. 23-52, 2018.

POLESE, V. P. **Motivos para a falta de participação das meninas nas aulas de educação física:** um estudo descritivo. 2017.

POLONI, L. H.; FURLAN, C. C. **Educação Física escolar e as questões de gênero:** a prática pedagógica em foco. Motrivivência, v. 34, n. 65, p. 1-22, 2022.

POLLAK, M. **Memória e identidade social.** In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, 1992, pp. 207 e 208.

PEREZ, O. C; RICOLDI, A. M. **A quarta onda feminista:** interseccional, digital e coletiva. In: Congresso Latino-americano de Ciência Política (ALACIP). 2019.

PINSKY, C. B. Reseña de " **Minha história das mulheres** " de Michelle Perrot. Revista Estudos Feministas, v. 15, n. 1, p. 247-149, 2007.

PIMENTA, D. C. **Dupla jornada de trabalho:** conflito de papéis sociais da mulher. 1986. Tese de Doutorado.

PORTELA, T. R. O. **Construção de gênero nas aulas de Educação Física:** análises a partir de relatos de experiência apresentados no CONBRACE. 2020.

PORDEUS, M. P; DE ABREU VIANA, R. **Feminismo, Desigualdade de Gênero e LGBTfobia:** a interseccionalidade das minorias no Brasil. Conhecer: debate entre o público e o privado, v. 11, n. 26, p. 113-131, 2021.

PRATES, M. I. R. N. **Educação para a igualdade de gênero:** um estudo de caso numa instituição de educação de infância. 2014. Tese de Doutorado.

RAMALHO, C. C. et al. **O escutar do silêncio—o que está por trás da mudez da BNCC sobre as estruturas de gênero.** EDUCAÇÃO, v. 8, n. 3, p. 483-496, 2020.

RAMOS, G. P. **A escola contemporânea e sua identidade (ou sobre o óbvio esquecido).** Revista HISTEDBR, Campinas, n. 49, p. 350-362, mar. 2013

REIS, T.; EGGERT, E. **Ideologia de gênero:** uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros. Educação & Sociedade, v. 38, n. 138, 2017.

RIBEIRO, M. C. M. A; CATRINCK, I. M. O; RIOS, F; SOTERO, E. **Gênero em perspectiva interseccional.** Plural: Revista de Ciências Sociais, v. 26, n. 1, p. 1-10, 2019.

RIBEIRO, M. C. M. A.; CATRINCK, I. M. O; MAGALHÃES, S. A B. **Por uma educação freireana que atue contra a desigualdade de gênero no Brasil contemporâneo.** Praxis educativa, v. 16, 2021.

ROCHA, M. et al. **As teorias curriculares nas produções acerca da Educação Física escolar:** uma revisão sistemática. 2015.

SANTIAGO, F; FARIA, A. L. G. **Feminismo negro e pensamento interseccional:** contribuições para as pesquisas das culturas infantis. Educação & Sociedade, v. 42, p. e239933, 2021.

SARDENBERG, C. M. B. **Caleidoscópios de gênero:** gênero e interseccionalidades na dinâmica das relações sociais. 2015.

SILVA, T. G. **Protagonismo na adolescência:** a escola como espaço e lugar de desenvolvimento humano. 2009. 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação) –Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009

SILVA, S. G. **Preconceito e discriminação:** as bases da violência contra a mulher. Psicologia: ciência e profissão. v.30, n.3, 2010. Vol. 19. Núm. 1. p. 265-287. 2013.

SILVA, M. C. **Desigualdades de gênero:** família, educação e trabalho. Edições Húmus, 2016.

SIMÕES, R. D. **Gênero na Educação Física:** a emergência de um conceito. In: XIII CONBRACE - Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 2003, Caxambu - MG. Anais do XIII CONBRACE, 2003.

SCOTT, J. Gênero: **Uma categoria útil de análise histórica.** Educação e Realidade, Porto alegre, v. 20, n. 2, p. 75 a 89,1995.

SCOTT, J. W. **Cadernos Pagu:** Desacordos, desamores e diferenças. Campinas: Pagu – Núcleo de Estudos de Gênero, n.3, 1994

SCOTT, J. W. **Os usos e abusos do gênero.** Projeto História, São Paulo, v. 45, p. 327-351, jul./dez., 2012.

SOUSA, E.S. de ALTMANN, H;. **Meninos e meninas:** Expectativas corporais e implicações na Educação Física escolar. Cadernos Cedes. Campinas, ano XIX, v. 48, p. 52-68, 1999.

TIBURI, M. **Feminismo em comum.** Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.

TEIXEIRA, F. L. S.; CAMINHA, I.O. **Preconceito no futebol feminino brasileiro:** uma revisão sistemática. Movimento.

TUBINO, M. **O que é esporte:** uma enciclopédia crítica. 2 Ed. Vol. 276. São Paulo: Brasiliense. 1999.

VIEIRA, R., VIEIRA, C. **Estratégias de Ensino/Aprendizagem,** Lisboa, Instituto Piaget, 2005.

ZIRBEL, I. **Ondas do feminismo**. Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia, v. 7, n. 2, p. 10-31, 2021

APÊNDICES

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ao
Responsável pelo estudante

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

(Resolução 466/12 e 510/16 CNS)

Aos responsáveis pelos alunos (as)

Garça, _____ de _____ de 2023

Olá estamos convidando você para autorizar a participação de seu filho ou filha na pesquisa
**“Jornal com produções do Ensino-Aprendizagem da práxis esportiva e as representações
de gênero de estudantes do Ensino Fundamental Anos Finais”**

O objetivo da pesquisa é analisar a temática gênero no processo de ensino-aprendizagem do ensino de esporte no Ensino Fundamental Anos Finais 8º ano e 9º ano. Tal estudo será realizado por mim, Samira El Adass, pesquisadora, pós graduanda, do curso de Mestrado em Docência para a Educação Básica e Professora de Educação Física da Escola Estadual Profª Nely Carbonieri de Andrade. Sob a orientação da professora Drª. Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger do departamento de Educação Física da UNESP- Bauru. A pesquisa será desenvolvida junto às aulas de eletiva, durante o período letivo e no horário designado às aulas. Pretendemos produzir um jornal estudantil com a temática gênero e esporte.

As coletas de dados serão feitas no decorrer da eletiva, pois a partir das aulas que problematizam; discutem os esportes e gênero, os estudantes irão produzir o jornal estudantil. O risco da pesquisa está relacionado a eventuais desconfortos no decorrer das aulas de eletiva, ao falar sobre as experiências, problematizando-as com a temática do jornal. Para minimizar a ocorrência de riscos, irei apresentar um cronograma para a realização das atividades e produção do jornal; permitir que o participante tenha acesso ao material; esclarecer as dúvidas do participante sobre sua participação; aceitar a solicitação de interrupção das atividades, caso observe alterações de humor ou saúde que coloquem o participante em risco durante qualquer parte da coleta de dados; e explicar que a não participação da pesquisa não terá nenhum prejuízo a nota.

Para além dessas situações cumpre destacar que, nos comprometemos assegurar a guarda de todo e qualquer registro de participação na atividade, registro de gravações e vídeos zelando pelo seu arquivamento em local seguro, acessando seu uso apenas para fins acadêmicos e científicos. Enquanto benefício, essa pesquisa contribuirá para fornecer informações sobre a construção de um jornal estudantil, pretendendo-se ampliar e 'desnaturalizar' representações 'generificadas' do esporte e suas dimensões, criando um espaço democrático nas instituições de ensino e nas aulas de Educação Física.

Não é obrigatório a autorização da participação do seu (a) filho (a) se não quiser, é um direito seu. Não terá nenhum problema se ele/ ela quiser desistir depois de ter iniciado a participação.

Caso a decisão seja essa você deverá enviar um e-mail para: samira.adass@unesp.br ou por telefone (14) 981566073 para retirada do consentimento nesta situação, enviaremos para seu contato a sua resposta de retirada do consentimento para realização do estudo.

Caso você ou seu filho (a) não entendam algo, não gostem de qualquer situação, você pode contatar pelos meios citados acima para que possamos conversar a respeito. Para participar não terá nenhuma despesa, bem como, não terá qualquer tipo de remuneração. Entretanto, de acordo com a Resolução 466/2-12 e 510/2016, qualquer gasto eventual do participante com a pesquisa será ressarcido pelo pesquisador. Se o(a) senhor(a) se sentir esclarecido sobre a pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, convido-(a) a assinar este Termo, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com o senhor(a) e a outra com o pesquisador.

Os seus direitos como pessoa serão respeitados, seguindo as orientações das Resoluções nº 466/2-12 e 510/2016 do conselho Nacional de Saúde que tratam da dignidade humana nas pesquisas científicas.

Eu _____, autorizo meu/minha filho/a _____ a participar da pesquisa.

Contato do Comitê de ética da Faculdade de Ciências/ UNESP/ Bauru

Coordenador: Prof. Dr. Mario Lázaro Camargo

Fone: (14) 3103-9400

E-mail: cepesquisa@f.c.unesp.br

APÊNDICE B - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE - estudantes

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido**(Resolução 466/12 e 510/16 CNS)****Garça, de de 2023**

Por se tratar de menores de idades, entre 13 a 15 anos de idade, este termo será lido e explicado para uma maior compreensão do trabalho.

Olá estudantes, convido você a participar de uma pesquisa de Mestrado nomeada: “Jornal com produções do Ensino-Aprendizagem da práxis esportiva e as representações de gênero de estudantes do Ensino Fundamental Anos Finais”, que será desenvolvida pela professora de Educação Física do Ensino Fundamental II, Samira El Adass. O objetivo da pesquisa é analisar a temática gênero no processo de ensino-aprendizagem do ensino de esporte no Ensino Fundamental Anos Finais.

A coleta de dados da pesquisa ocorrerá durante a disciplina eletiva, com atividades sobre o conteúdo esporte e gênero. Estas atividades serão realizadas pela professora de Educação Física, que ensinará sobre gênero e esporte, para a construção de um jornal estudantil. As aulas serão na escola E.E. Profª Nely Carbonieri de Andrade e o material produzido nessas aulas será analisado pela professora para melhor análise do tema. Esclarecemos, que as informações coletadas durante o projeto serão utilizadas somente para a realização desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade.

Nestas atividades, vocês terão espaço para falar suas opiniões, pesquisar fatos, atuarem como jornalistas para a produção de um jornal estudantil com o tema gênero e esporte. Ampliando o seu conhecimento sobre a Educação Física. No decorrer das atividades e da produção do jornal, pode gerar riscos, como constrangimentos, desconfortos, timidez, sentimento de medo e/ou exposição, ou a interpretação que a participação na pesquisa pode ter influência em sua nota. Para minimizar os riscos irei apresentar um cronograma para a realização das atividades e produção do jornal; permitir que o participante tenha acesso ao material; esclarecer as dúvidas do participante sobre sua participação; aceitar a solicitação de interrupção das atividades, caso observe alterações de humor ou saúde que coloquem o participante em risco durante qualquer parte da coleta de dados; e explicar que a não participação da pesquisa não terá nenhum prejuízo a sua nota.

Você não é obrigado a participar, poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma. Será garantido o sigilo e a privacidade de sua participação. Os dados coletados são confidenciais e serão utilizados unicamente para fins de pesquisa. O pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos na pesquisa.

Para participar não terá nenhuma despesa, bem como, não terá qualquer tipo de remuneração. Entretanto, de acordo com a Resolução 466/2-12 e 510/2016, qualquer gasto eventual do participante com a pesquisa será ressarcido pelo pesquisador.

Os seus direitos como pessoa serão respeitados, seguindo as orientações das Resoluções nº 466/2-12 e 510/2016 do conselho Nacional de Saúde que tratam da dignidade humana nas pesquisas científicas.

Estudante, ao se sentir esclarecido sobre a pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, convido-(a) a assinar este Termo, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com você e a outra com o pesquisador.

Garça,SP/_____, de _____ de 2023.

Assinatura do Pesquisador Responsável

Assinatura do participante da pesquisa

Dados sobre a Pesquisa:

Título do Projeto: Jornal com produções do Ensino-Aprendizagem da práxis esportiva e as representações de gênero de estudantes do Ensino Fundamental Anos Finais

Pesquisador Responsável: Samira El Adass

Cargo/função: Professora da Educação Básica II Instituição: Estado de São Paulo

Endereço: Rua Augusto Nascimento Castro, nº245, Bairro: Ferrarópolis

Dados para Contato: fone: (14) 98156-6073 e-mail: samira.adass@unesp.br

Orientador: Prof.(a) Dr.(a) Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger

Instituição: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP - Câmpus Bauru

Endereço: Edmundo Carrijo Coube, 14-01 - Vargem Limpa

Dados para Contato: fone: (14) 3103-6082 e-mail: dagmar.hunger@unesp.br

Dados sobre o participante da Pesquisa:

Nome completo do aluno/a: _____

Sexo: _____ Data de Nascimento: ____/____/____

Endereço: _____

Telefone para contato: _____

ANEXO 1- CARTA DE APROVAÇÃO DO PROJETO PELO COMITÊ DE ÉTICA

**UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -
JÚLIO DE MESQUITA FILHO**



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: JORNAL COM PRODUÇÕES DO ENSINO-APRENDIZAGEM DA PRÁTICA ESPORTIVA E AS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO DE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL ANOS FINAIS

Pesquisador: SAMIRA EL ADASS

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 70949723.0.0000.5398

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.408.736

Apresentação do Projeto:

A escola é uma instituição social responsável por informar; ensinar; produzir conhecimentos capazes de permear ações e pensamentos de caráter inclusivos e exclusivos, dentro os quais estão as relações de gênero, estereótipos de gênero, sexismos e violências de gênero. Essas ações são compartilhadas nas diferentes esferas sociais e cabe à escola, portanto, abordar e ensinar sobre a temática gênero com vistas à formação de conhecimentos, pensamentos e ações voltadas à busca, aquisição e manutenção da equidade de direitos e respeito às diferenças. A escola é um espaço designado não somente para o ensino de conteúdos disciplinares/científicos, entre os quais os conteúdos sobre relações de gênero, mas, também, para promover a consciência sobre as relações sociais existentes e formação crítica para a construção de uma sociedade mais democrática, inclusiva, equitativa, em que estudantes aprenderão que é possível o convívio com a diferença longe da violência e opressão. Uma escola que promova a equidade de gênero não é uma escola que ensina crianças e adolescentes a terem orientações sexuais homoafetivas, ou a iniciação sexual precoce e inadequada, ou incentiva a pedofilia. A escola é um espaço pedagógico no qual se deve aprender de maneira ampla e científica o respeito mútuo considerando as diferenças e as desigualdades de poder sob o qual são condicionadas às minorias sociais. Louro (1995) defende que este processo de ensino é possível por meio da problematização do contexto histórico, político, social e econômico da produção e manutenção desses saberes como verdades admitidas e

Endereço: Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01

Bairro: CENTRO

CEP: 17.033-360

UF: SP

Município: BAURU

Telefone: (14)3103-9400

Fax: (14)3103-9400

E-mail: cepesquisa.fc@unesp.br

UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -
JÚLIO DE MESQUITA FILHO



Continuação do Parecer: 6.408.736

aceitas pela sociedade. Portanto, a escola é uma instituição social responsável por manter, modificar, produzir, explicar, ensinar, diversos conhecimentos, dentre eles os relacionados à cidadania, se fazendo necessário repensar sua função social e política... Deste modo, fica notório a importância do tratamento do conteúdo gênero inclusive e de sobremaneira nas aulas de Educação Física. A Educação Física é uma das áreas de saber e um componente curricular presente na escolarização básica e tem como objetivo o ensino das práticas corporais. Cabe ressaltar que, dependendo da maneira que os temas gênero, corpo e sexualidade são abordados, estas práticas são potenciais geradoras de desigualdades de gênero, desconsideração das diferenças e da educação para o respeito à diversidade. Neste sentido, entendemos que "os corpos carregam discursos como parte de seu próprio sangue" (BUTLER p.163, 2003). Os discursos generificam os corpos, ou seja, "os corpos fazem-se femininos e masculinos na cultura, e essas representações, apesar de serem sempre transitórias, marcam nossa pele, nossos gestos, nossos músculos, nossa sensibilidade e nossa movimentação" (GOELLNER, 2010, p. 25). Portanto, cabe à Educação Física desconstruir os estereótipos de gênero e as violências produzidas nas práticas corporais desenvolvidas na escola e reconstruir ou melhor, construir outros conhecimentos sobre as práticas corporais relacionadas ao conteúdo gênero. Nas aulas de Educação Física no ensino regular as demandas relacionadas a gênero são recorrentes, desde a Educação Infantil ao Ensino Médio, no qual são 'naturalizadas' condutas e papéis sociais reforçados pelas representações da sociedade. Nesse sentido, cabe ao professor problematizar essas situações, criando discussões que apresentem a 'desnaturalização' desde as cores generificadas, as práticas corporais repletas de marcações sociais pelas diferenças de gêneros. No entanto, para propiciar discussões sobre gênero é preciso ter conhecimento sobre a temática, ressaltando a importância de considerá-lo um saber científico, distanciando de opiniões empíricas e de senso comum. Outro fator é adaptar os outros conteúdos, da Educação Física, a serem ensinados. Considerando o espaço conquistado pelas produções em Educação Física que se articulam aos estudos de gênero e sexualidade, buscamos com este trabalho, contribuir com o ensino da Educação Física na Educação Básica, norteando os professores em suas intervenções (ensino- aprendizagem), contemplando gênero em suas aulas. Portanto, entendemos como pertinente apontar algumas propostas de ensino sobre gênero na Educação Física e produzir um jornal que materializa o que foi apresentado. Diante desse contexto, elencamos como problema da pesquisa a seguinte questão: Quais as implicações no ensino-aprendizagem do esporte quanto a temática de gênero por intermédio da construção de um jornal estudantil? O objetivo geral é analisar a temática gênero no processo de ensino-aprendizagem do ensino de esporte no Ensino Fundamental Anos Finais. Os específicos são

Endereço: Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01

Bairro: CENTRO

CEP: 17.033-360

UF: SP

Município: BAURU

Telefone: (14)3103-9400

Fax: (14)3103-9400

E-mail: cepsquisa.fc@unesp.br

UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -
JÚLIO DE MESQUITA FILHO



Continuação do Parecer: 6.408.736

evidenciar as concepções da temática gênero na comunidade escolar e analisar a intervenção docente no que se refere a ensino-aprendizagem da temática gênero. Desta forma a justificativa perspectiva sobre o preconceito e a discriminação que são reproduzidos na sociedade e na escola como em atividades direcionadas aos meninos e as meninas no cotidiano de ensino da Educação Física, dado ao tratamento de gênero nas aulas de Educação Física, 'desnaturalizando' as genereficações construídas para os esportes. Considerando o espaço conquistado pelas produções em Educação Física que se articulam aos estudos de gênero e sexualidade, buscamos com este projeto, contribuir com os interesses profissionais, políticos e teóricos dos professores de Educação Física, dos estudantes do Ensino Fundamental na viabilização dos conhecimentos aqui apresentados como um meio de utilização em suas aulas; e a desnaturalização das manifestações de gênero. Portanto, entendemos como pertinente construir um jornal com as ressignificações das práxis esportivas de gênero e apontar uma sequência didática para os sobre o ensino de gênero na Educação Física, a fim de esclarecer e nortear as ações dos professores. A produção do jornal será proposta no componente curricular Eletiva, pertencente ao currículo do Estado de São Paulo. A ementa da Eletiva explica que este componente envolve diferentes habilidades e propõem a diversificação de situações didáticas, visando aprofundar, enriquecer e ampliar os conhecimentos dos estudantes acerca de componentes e/ou área de conhecimento presentes no Currículo Paulista. A Eletiva que será proposta elencará a Educação Física, o esporte e a construção de um jornal estudantil pertinente a essa temática.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: O objetivo geral é analisar a temática gênero no processo de ensino-aprendizagem do ensino de esporte no Ensino Fundamental Anos Finais - 8ºano e 9ºano.

Objetivo Secundário: Os específicos são evidenciar as concepções da temática gênero na comunidade escolar e analisar a intervenção docente no que se refere a ensino -aprendizagem da temática gênero.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: No decorrer das atividades e da produção do jornal, pode gerar riscos, como constrangimentos, desconfortos, timidez, sentimento de medo e/ou exposição, ou a interpretação que a participação na pesquisa pode ter influência em sua nota. Para minimizar os riscos irei apresentar um cronograma para a realização das atividades e produção do jornal; permitir que o participante tenha acesso ao material; esclarecer as dúvidas do participante sobre sua participação; aceitar a solicitação de interrupção das atividades, caso observe alterações de humor ou saúde que coloquem o participante em risco durante qualquer parte da coleta de dados; e

Endereço: Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01
Bairro: CENTRO **CEP:** 17.033-360
UF: SP **Município:** BAURU
Telefone: (14)3103-9400 **Fax:** (14)3103-9400 **E-mail:** cepesquisa.fc@unesp.br

**UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -
JÚLIO DE MESQUITA FILHO**



Continuação do Parecer: 6.408.736

explicar que a não participação da pesquisa não terá nenhum prejuízo a sua nota. A aplicação da entrevista pode gerar riscos, tais como constrangimentos, desconfortos, timidez, sentimento de medo e/ou exposição ao responder à entrevista. Para minimizar a ocorrência dos riscos irei agendar previamente a entrevista com o participante; buscar um local privado e sem interferência de terceiros para a realização da entrevista; permitir que o participante tenha acesso ao material, às perguntas antes da gravação da entrevista, caso seja de sua vontade; esclarecer possíveis dúvidas do participante sobre sua participação e uso de suas respostas, para fins de pesquisa; remarcar a coleta, caso solicitado pelo participante; aceitar a solicitação de interrupção da gravação do procedimento em áudio pelo participante, caso observe alterações de humor ou saúde que coloquem o participante em risco durante a coleta de dados; prever diferentes formas de registro dos dados, caso o participante tenha restrições à captura de áudio de sua participação, como, por exemplo, realizar a coleta de dados apenas em registro escrito/anotações.

Benefícios:

Os benefícios do projeto esta relacionado com alguns aspectos: acadêmicos, científicos, social e pedagógico. Pois por meio da construção de um jornal estudantil, pretende-se ampliar e 'desnaturalizar' representações 'genericadas' do esporte e suas dimensões, criando um espaço democrático nas instituições de ensino e nas aulas de Educação Física. Pretende-se repensar a abordagem da Educação Física escolar, ao produzir o jornal estudantil e as notícias pertinentes a gênero e os esporte. Pretende-se subsidiar os professores de Educação Física com uma sequência didática na qual norteia as práticas pedagógicas.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisadora realizou as alterações solicitadas. Assim, considero que do ponto de vista ético o projeto está adequado.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Estão adequados após correções realizadas.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Projeto considerado "aprovado" por estar em conformidade com os parâmetros legais, metodológicos e éticos analisados pelo colegiado deste CEP - Comitê de Ética em Pesquisa.

Lembramos que é dever do pesquisador responsável, ao término da pesquisa e conforme o

Endereço: Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01
Bairro: CENTRO **CEP:** 17.033-360
UF: SP **Município:** BAURU
Telefone: (14)3103-9400 **Fax:** (14)3103-9400 **E-mail:** cepesquisa.fc@unesp.br

**UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -
JÚLIO DE MESQUITA FILHO**



Continuação do Parecer: 6.408.736

cronograma informado à Plataforma Brasil, apresentar o relatório final da mesma.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_2142036.pdf	04/09/2023 23:53:51		Aceito
Brochura Pesquisa	projeto_brochura_pesquisa.pdf	04/09/2023 23:52:51	SAMIRA EL ADASS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_detalhado_pesquisa.pdf	04/09/2023 23:52:12	SAMIRA EL ADASS	Aceito
Outros	carta_justificativa.pdf	04/09/2023 23:44:19	SAMIRA EL ADASS	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	04/09/2023 08:37:54	SAMIRA EL ADASS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_Consentimento_Livre_e_Esclarecido_Responsaveis.pdf	01/09/2023 13:55:37	SAMIRA EL ADASS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_termo_de_assentimento_livre_e_esclarecido.pdf	01/09/2023 13:54:45	SAMIRA EL ADASS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_Consentimento_Livre_e_Esclarecido_Professores_entrevista.pdf	01/09/2023 13:47:12	SAMIRA EL ADASS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	carta_apresentacao.pdf	27/06/2023 11:34:43	SAMIRA EL ADASS	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	22/05/2023 20:49:40	SAMIRA EL ADASS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Avaliação da CONEP:

Não

Endereço: Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01
Bairro: CENTRO **CEP:** 17.033-360
UF: SP **Município:** BAURU
Telefone: (14)3103-9400 **Fax:** (14)3103-9400 **E-mail:** cepesquisa.fc@unesp.br

UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -
JÚLIO DE MESQUITA FILHO



Continuação do Parecer: 6.408.736

BAURU, 06 de Outubro de 2023

Assinado por:
Mário Lázaro Camargo
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01
Bairro: CENTRO **CEP:** 17.033-360
UF: SP **Município:** BAURU
Telefone: (14)3103-9400 **Fax:** (14)3103-9400 **E-mail:** cepsquisa.fc@unesp.br